

Campus

1ª Quinzena de junho de 87. N° 101

Marcus Vinicius

**GDF abençoa santa invasão***Cerealista invade área pública e nada acontece Pág. 7*

A falta de hábito de ler dos brasileiros não será superada a curto prazo, mas o mercado de livros aumenta, dando mais opções para o público consumidor
Pág. 6

CONSTITUINTE

Direita faz esquerda volver

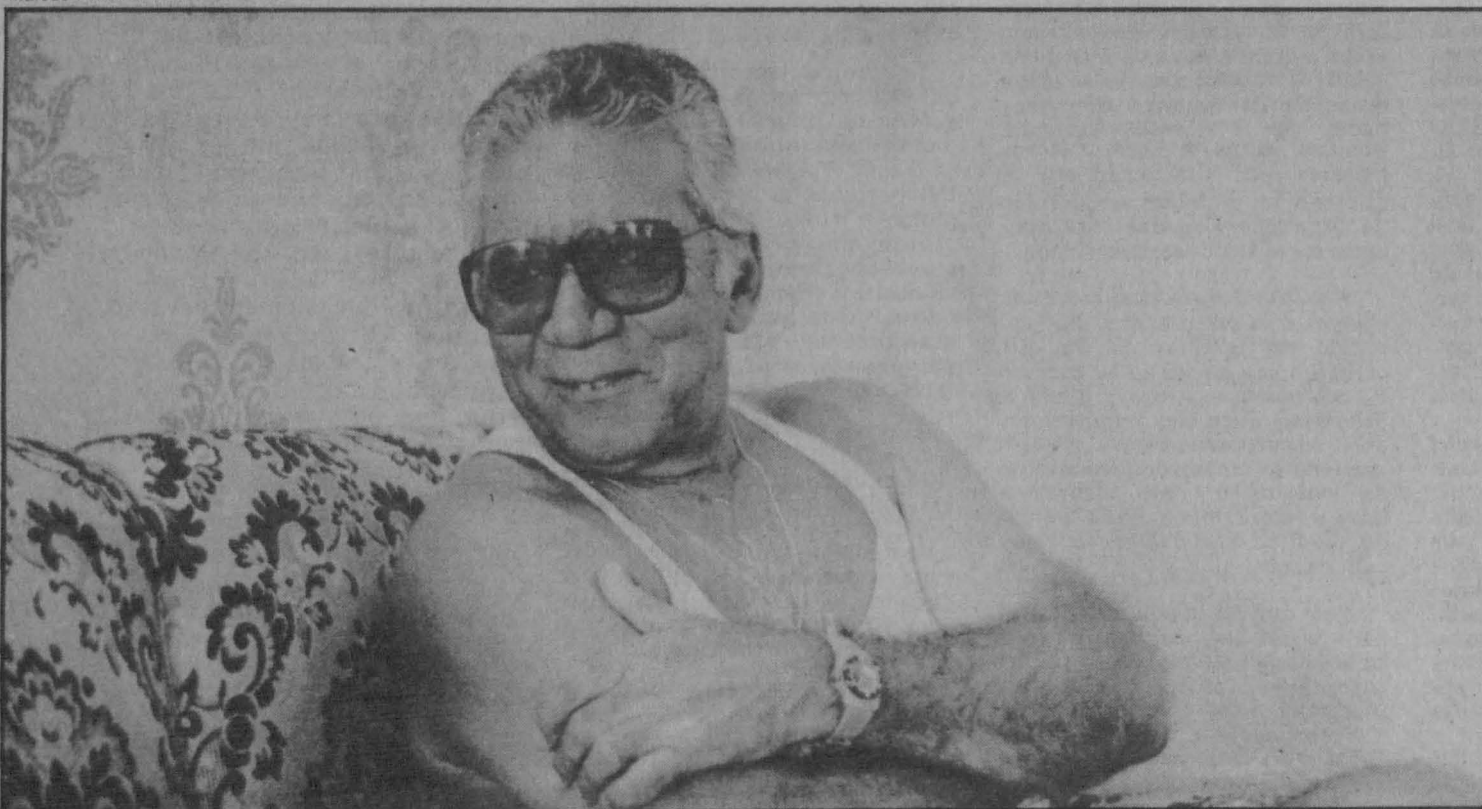
Os conservadores, mais organizados, largam na frente, mas a esquerda esquenta os motores e se articula na defesa das propostas democratizantes. Reforma Agrária, mandato presidencial, interferência do Estado na economia e aborto são os combustíveis das discussões.

Pag. 5



Almir, da UnB, pode ser um dos trunfos do Brasil na Universíade

Marcus Vinicius



Nilton Santos

O Campus encontra um grande jogador do passado dirigindo o futebol do Taguatinga. Mas não foi só de bola o papo com Nilton Santos. Há ainda um projeto muito especial... Pág. 8

Continua em pleno andamento a absurda novela envolvendo UnB e governo em torno da concessão do canal da FM educativa. Tudo leva a crer que, com a divulgação da notícia da concessão do canal ao GDF, a comunidade universitária se conformaria, e daria o caso por perdido. Afinal, o comodismo do povo brasileiro tem permitido aos homens do poder cometerem os maiores crimes contra a Nação, e continuarem impunes. No entanto o mesmo não está acontecendo na UnB. Está sendo lançado esta semana o Movimento Pró-Rádio UnB que visa mobilizar toda a comunidade para lutar e conquistar o que por direitos, já é dela.

A situação ainda se encontra indefinida. O resultado final vai depender da atuação de todos. Esperar que uma ação legal isolada, por parte da Reitoria, nos dê a vitória, é pura ilusão. A ilegalidade nas ações do governo está mais do que caracterizada.

A assessoria jurídica da UnB enviou ao Ministério das Comunicações um segundo pedido de vistas do processo do pedido de outorga do canal feito pelo GDF. E pela segunda vez o Ministério se mantém em silêncio. Enquanto isso é preciso que a comunidade externe os seus anseios. O Movimento Pró-Rádio UnB está instalado no Canal Comunicação e conta com a presença de todos. (L.F.M.).



Mesmo sem projeto, rádio fica com Governo

Paulo Cabral e Fernando Molina

Uma Fundação e uma Secretaria de Cultura representando o governo para atender aos anseios culturais da comunidade brasileira. Uma Universidade funcionando como centro radiador de cultura e ciência para essa mesma comunidade. Deveriam, mas não estão subsidiando a comunidade com suas reais funções.

O governo está vivendo um caos em sua política cultural. O secretário de Cultura D'Alambert Jakcoud, cumpre também o papel de secretário do Trabalho, e a Fundação Cultural adotou uma política de não-política

que compromete um trabalho direcionado e eficiente.

A Universidade está constantemente esbarrando na burocracia do Estado para realizar os seus projetos, que existem, geralmente são elogiados, e têm pessoas interessadas e competentes em executá-los.

O Ministério das Comunicações tinha um canal de rádio educativo disponível. A Universidade de Brasília pleiteou um canal para o Ministério e até agora não ganhou, apesar de já ter preenchido todos os protocolos. A Fundação Cultural do DF,

que ouvia rumores de que poderia ganhar um canal de rádio, acabou ganhando um via GDF, e teve até que mudar o seu estatuto para legalizar esta doação, além de nem ter ainda um projeto para esta rádio.

Para a Fundação Cultural, a rádio será mais um projeto num universo político de não-política. Para a Universidade, a rádio continua sendo uma esperança de um veículo de comunicação que possa transmitir para a comunidade o que se pensa e o que se cria aqui dentro, com liberdade.

Você já ouviu falar de política pré-histórica?

Parlamentares trabalham quando querem

Pedro Mansur

Um dos principais assuntos discutidos diariamente na Assembleia Nacional Constituinte é a definição do sistema político a ser adotado pelo País. Uns querem presidencialismo, outros parlamentarismo. Mas já está praticamente certo que, seja qual for o sistema, o Congresso Nacional ganhará mais poder de decisão. Vários assuntos dos conservadores e falsos moralistas. Alimenta-se do desrespeito dos detentores do poder para com que os que supostamente representam. Ela sufoca, castra, dilacera, mata. E a censura, instrumento sobressaltante dos governos inoperantes que estabelece uma injustificável relação tutelar que desmoraliza e agride os princípios mínimos de autonomia e liberdade de expressão.

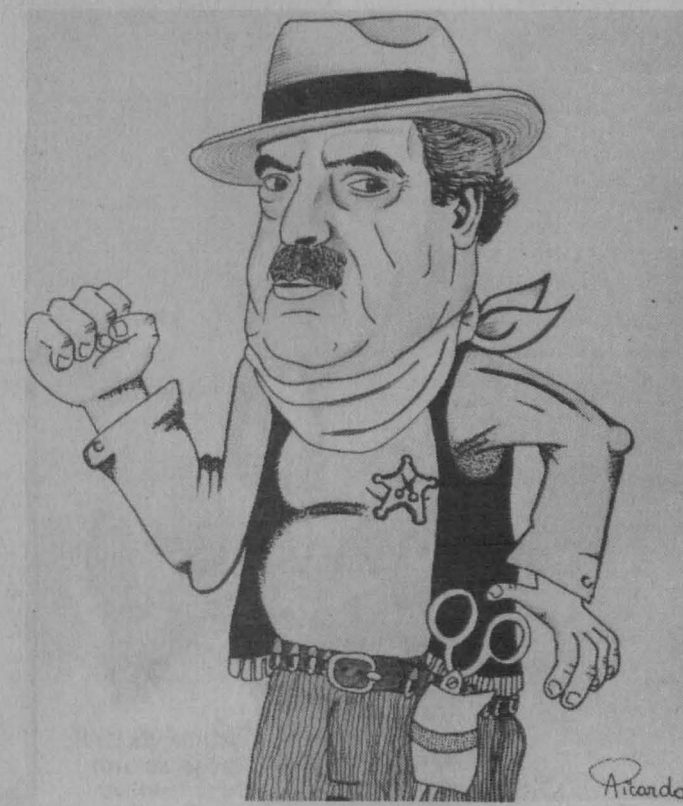
Prática usual dos governos militares, chegou a ser enterrada para ressuscitar embalada pela surrealista figura do Ministro Paulo Brössard. Encontrou terreno fértil num governo guiado pelo acaso que faz dos favorecimentos e agrados moeda corrente de barganha política e busca de uma distante legitimidade. O abismo que separa o atual governo da vontade popular é do

Brossard se arma da tesoura da censura e mascara realidade

Ricardo Miranda

Ela é uma velha conhecida de todos nós. Era tida como morta, mas estava apenas anestesiada nos porões do governo. Filha dileta da arbitrariedade, sobrevive na truculência e presunção dos conservadores e falsos moralistas. Alimenta-se do desrespeito dos detentores do poder para com que os que supostamente representam. Ela sufoca, castra, dilacera, mata. E a censura, instrumento sobressaltante dos governos inoperantes que estabelece uma injustificável relação tutelar que desmoraliza e agride os princípios mínimos de autonomia e liberdade de expressão.

Prática usual dos governos militares, chegou a ser enterrada para ressuscitar embalada pela surrealista figura do Ministro Paulo Brössard. Encontrou terreno fértil num governo guiado pelo acaso que faz dos favorecimentos e agrados moeda corrente de barganha política e busca de uma distante legitimidade. O abismo que separa o atual governo da vontade popular é do



O governo se presenteou dando um canal de rádio para a Fundação Cultural. Como funciona esse órgão, no contexto político-cultural de uma cidade que já tem três canais oficiais?

Fundação Cultural: a não-política de um órgão político

Paulo Cabral e Fernando Molina

Para se consolidar o domínio de uma nação sobre a outra, não basta apenas manter os tanques e soldados invasores nas ruas do País invadido. É preciso também invadir e controlar a cultura desse País. Essa teoria faz parte do beabá dos dominadores e imperialistas, e vem sendo colocada em prática, com bastante sucesso, desde a primeira invasão ocorrida na história da humanidade.

Brasília tinha apenas quatro anos de idade, e suportou nas costas um golpe militar que durou 21 anos. A cultura da cidade não escapou de receber um tratamento especial da parte dos governantes. Uma das questões mais polêmicas e incansavelmente debatida por alguns intelectuais locais é se Brasília tem ou não cultura própria. Uma coisa pelo menos é fácil de se identificar nesta capital, neste setor: a Fundação Cultural do Distrito Federal, ligada ao Governo do Distrito Federal, cujo governador tem sido, até o momento, eleito "democraticamente" por escolha única e exclusiva do Presidente da República.

A FCPF controla nada menos que: Teatro Nacional, Teatro Galpão, Galpãozinho, Concha Acústica, Gran Circo Lar, Teatro Escola Parque, Cine Brasília, e outros. Vale lembrar que todos esses espaços estão aglomerados no Plano Piloto. Tendo como seus primeiros diretores, até 64, pessoas como Ferreira Gullar e Alcides da Rocha Miranda, a Fundação Cultural ensaiou um retorno às atividades mais dinâmicas e coerentes com o seu papel na comunidade, em 1985, fazendo parte do maior de todos os "pacotes": a Nova República. Encarregado de levar à frente esta retomada estava Luís Humberto Miranda Martins Pereira, o novo diretor.

Luís Humberto acredita que "enquanto o Estado não for um reflexo limpo da sociedade, a sua intervenção no processo cultural é

algo muito perigoso". Isso não significa para ele que não se deva ter uma política cultural. Muito pelo contrário, ele a tinha, e bastante definida. A começar pela montagem de sua equipe. Luís Humberto aproveitou pessoas que, sabe-se lá como, tinham trabalhos em andamento na cidade, como por exemplo, Néio Lúcio e o "Concerto Cabeças".

Durante esta gestão foram criados outros 14 projetos, como o "Jogos de Cena" e o "Cara a Cara". Eles visavam, sobretudo, a transmissão do conhecimento através da prática, preenchendo assim a grande lacuna existente na cidade. Para isto, contava-se com a retomada de contatos com entidades que até então atuavam isoladas, como a UnB, Inacem, Funarte, etc. Um outro ato da diretoria foi reabilitar o Conselho da Fundação Cultural para deliberar sobre a política da entidade.

A gestão de Luís Humberto não chegou a durar um ano. Foi demitido em fevereiro de 86. Ele atribui a sua demissão ao excesso de autonomia que estava dando à Fundação. Para ele, o governador José Aparecido, estava sempre sentindo-se ameaçado, sendo alvo de conspiração. Para assumir a nova diretoria foi nomeado Reinaldo Jardim, que defende a "não política cultural".

Para Jardim, a política cultural não passa de "um instrumento utilizado por todos os estados autoritários, prepotentes e autocráticos, como o Terceiro Reich, o Stalinismo e o Estado Militar Brasileiro". Baseada nesta teoria, a nova diretoria vem agindo sob severa crítica de alguns e aplausos de outros. Reformou o teatro da cidade-satélite de Sobradinho e também a Concha Acústica, associou-se ao circo UdiGrudi, de caráter alternativo, que atua nas demais satélites, e executou dois projetos de porte relevante: o "Levante Centro-Oeste" e o

"Projeto UniverCidade".

O Levante Centro-Oeste foi uma produção que mobilizou todo o staff da Fundação Cultural. O objetivo, nas palavras do próprio Reinaldo Jardim, era fazer com que toda esta região tomasse consciência não só das suas potencialidades, mas de sua verdade contemporânea. Para Arão Parana-guá, coordenador do evento, o projeto não tinha como prioridade o público. A proposta era reunir os artistas do Centro-Oeste e promover um intercâmbio. Talvez o seu objetivo tenha sido alcançado, pois público, com raríssimas exceções, não houve.

O "Projeto UniverCidade" ainda está em andamento, e é de autoria do próprio Reinaldo Jardim. Estando sob a administração da AEPS — Associação Educativa Psicossomática — o projeto promove cursos de frevo, expressão corporal, ginástica psicofísica, tai-chi-chuan, yoga para gestantes, Gunosis, vivência psicossomática e outros. Além disso, são oferecidos atendimentos individuais de psicoterapia, astrologia, bioestesia, tarô, shiatsu e massagem integral.

Um dos que criticam essa "não-política" é o ator e jornalista Alexandre Ribondi. Ele diz que essas promoções da Fundação não condizem com a realidade do Distrito Federal, que tem necessidades mais urgentes. Para Ribondi, o dinheiro público está sendo mau administrado. Para Jardim, a psicofísica também é cultura.

No seu manifesto apolítico, o diretor afirma que "a Fundação Cultural do Distrito Federal vê coincidir, e não por acaso, o seu posicionamento direcional com a visão democrática e vanguardista do governador José Aparecido".

Deve ser este toque esotérico na não-política da não-condução da cultura (ou não) o ponto de convergência entre a Fundação e o Governo. E assim caracteriza-se a política da não-política.

Jornal-laboratório do Departamento de Comunicação da UnB

Editor-Chefe: Nilva Rios
Editores: Raquel Flores (Constituinte), Pedro Mansur (Cidade), João Carlos Fontoura (Cultura) e Telma Regina Pavarino (UnB).

Repórteres e Redatores: Adriana Vasconcelos, Aliene Coutinho, André Camargo, Andréa Moraes, Andréa Quintiere, Astrid Carvalho, Augusto Rodrigues, Cátia Abreu, Ceci de Almeida, Cláudia Prado, Delmam Assis, Eumano Silva, Francisco de Paula Filho, Giselle Chassot, Guiliana Morrone, Jaul de Castro, José Carlos Anatoly, Luiz Fernando Molina, Márcia Binder, Marcus Vinícius B. Lopes, Marden Ferreira, Maria Theresa Ribeiro, Mário Celso Tafari, Militão Ricardo, Paulo Cabral, Paulo C. Coelho, Regina Elizabeth,

Ricardo Miranda Filho, Susana Doba, Valéria Cristina Castanho, Valéria Borges, Valéria Mendes.

Repórteres Fotográficos: Allan Kardec Milhomens, César Mendes, João Carlos Fontoura, Marcus Vinícius Bastos Lopes e Susana Doba.

Professores Responsáveis: Hélio Marcos Doyle, Murilo César Ramos (reportagem, redação e edição), Luiz Venturelli (fotografia) e Maria Rita Leal (projeto gráfico e arte).

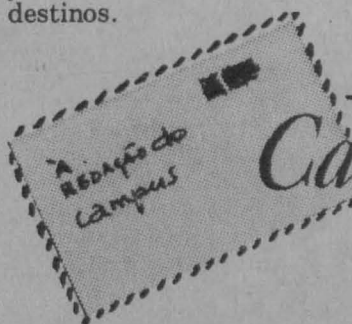
Diagramação: Chico Amaral

Ilustração: Ricardo Miranda e Mário Viggiano

Laboratório: Jeová Xangô

Secretária de Redação: Dália Maria de Oliveira

Composição, revisão e impressão: Jornal de Brasília.



Cartas do leitor

A respeito da picaretagem

Em primeiro lugar, não aceito estar no rol dos picaretas da UnB.

Estou no ECO desde agosto de 1976 e nesse longo período de 11 anos sempre me dediquei, ao Departamento e à UnB, muito mais do que o meu contrato de TP-12 exigia. Tenho organizado e levado os meus cursos com a máxima seriedade, renovando constantemente a bibliografia e, sobretudo, procurando despertar nos alunos a consciência de que o estudo de história é fundamental para o exercício de qualquer profissão. As numerosas avaliações a que me submeti comprovam isso.

Em 1977, estarecido diante da sanha policial que invadiu a UnB, comecei a articular um movimento, de onde nasceu a ADUnB, que possibilitasse aos professores uma ação mais integrada contra o arbítrio vigente. Da ADUnB fui 1º secretário e vice-presidente, quan-

do muito contribuí para a criação e consolidação da ANDES.

Em segundo lugar, louvo a precisão do instrumento de avaliação, pois o meu desempenho no semestre passado foi realmente lamentável. Não vou tentar me eximir da culpa de ter conduzido mal o curso de HEG no II-86, vou apenas relatar as circunstâncias que levaram a tal resultado, até para que outros não caiam nos mesmos erros.

Naquela oportunidade eu estava escalado para dar Economia Brasileira e, na última hora, o Departamento me pediu para cobrir um buraco dando HEG. Coincidentemente eu tive acesso a um outro programa de HEG, adotado por um professor do ECO e estava lendo e analisando a biografia por ele adotada. Quando aceitei dar HEG resolvi adotar a nova biografia, apesar de não

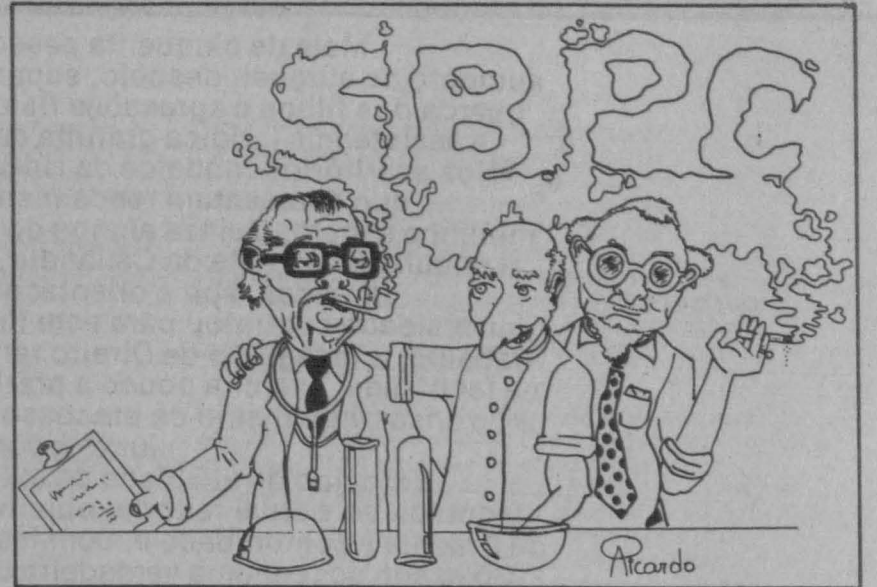
dominá-la perfeitamente, achando que durante o curso poderia fazê-lo. Me dei mal.

A direção da Codeplan e outros afazeres que se acumularam, não me permitiram fazer o estudo completo, além de terem me obrigado a numerosas faltas e impuntualidades.

Acho que as avaliações devem se estender para todos os departamentos. Sou tão favorável a esse tipo de processo que, por sugestão minha, os funcionários da Codeplan estão trabalhando num projeto que permita a eles avaliar o desempenho de gerentes e diretores.

Para terminar, quero testemunhar o profundo constrangimento sentido com aquela avaliação, sem no entanto me sentir vigiado ou perseguido pelo CA. Leandro Amaral Lopes — Professor do ECO.

UnB



Estão na reta final os preparativos para a realização da 39ª Reunião da SBPC. A UnB receberá cerca de 15 mil pessoas, entre cientistas, pesquisadores e estudantes e será palco de debates durante uma semana. Entre os temas, questões como crise energética, educação, AIDS e Constituinte. A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, fundada há quase 40 anos, reúne cerca de 25 mil sócios em todo o País e edita duas revistas mensais de circulação nacional. Pela segunda vez, a Universidade sediará o encontro e apesar de contar com o apoio total da reitoria, os organizadores enfrentam problemas como alojamento, alimentação e divulgação.

Universidade avalia professores

Eumano Silva

A UnB pode em breve tomar conhecimento da dimensão e localização dos seus erros e acertos. Para isto, está sendo iniciada uma avaliação institucional que pretende fazer um balanço de tudo que influencia na qualidade das atividades desenvolvidas, incluindo o desempenho dos professores, as condições materiais e o funcionamento da máquina administrativa. O objetivo da avaliação é fornecer subsídios para resolver os problemas detectados em cada departamento e divulgar as experiências bem-sucedidas para que possam ser aproveitadas em outras áreas.

A proposta de avaliação aprovada pelo Conselho Universitário é de autoria de uma comissão coordenada pela professora Isaura Belloni, da Faculdade de Educação, e será aplicada, inicialmente, apenas nos cursos de graduação dos departamentos que se interessarem. Posteriormente, deverá ser estendida a toda a universidade e mantida como um processo permanente nos próximos anos. Estes trabalhos serão dirigidos pela Comissão de Avaliação (CAV), e que tem a participação de membros do Conselho de Ensino e Pesquisa (CEPE) e do Centro de Acompanhamento do Desenvolvimento Educacional (CADE).

Entre os estudantes, a proposta é aceita com reservas. Edilberto Campos, do CA de História, considera que a ideia é boa, mas teme que, na prática, haja uma excessiva burocratização que impeça o aprofundamento da busca dos problemas. Para João Nelson, presidente da Associação dos Moradores do Alojamento Estudantil (AMAE), primeiro é necessário que professores, alunos e funcionários façam, separadamente, relatórios sobre a situação da universidade e que, posteriormente, sejam tiradas as conclusões e tomadas as decisões. Os dois alunos consideram que os professores cujo desempenho seja avaliado como insatisfatório devam ser punidos até mesmo com demissão.

Cristóvam Buarque concorda com a punição, desde que a avaliação seja transparente e democrática, isto é, que toda a comunidade conheça seus métodos e concorde com seus critérios. Entre estes critérios, Cristóvam aponta a valorização de aspectos como a capacidade de transmitir conhecimentos aos alunos e também a realização de atividades externas, como por exemplo, publicação de artigos e realização de exposições. Segundo ele, também devem ser consideradas as atuações fora da área específica da formação do professor, como é o caso da participação na administração e no movimento docente.

O reitor vai mais longe e chega a admitir que, depois de totalmente institucionalizada a avaliação, seus resultados possam ser usados como referência para definição da tabela salarial dos professores. Na sua opinião, a tabela atual, que premia a titulação dos docentes aumentando em 25% o salário dos doutores e em 15% o dos mestres, lembra um "latifúndio do saber", e não privilegia, necessariamente, o mérito. Para ele, a avaliação é muito mais completa e resolve problemas existentes, por exemplo, nos cursos de Artes, onde o título pode significar que, para virar Doutor o professor tenha que deixar de ser artista. "Se Picasso tivesse se dedicado a fazer um doutorado sobre o expressionismo, certamente não teria inventado o cubismo", reforça Cristóvam.

A professora Grace de Freitas, do Departamento de Desenho, considera boa a ideia de vincular os salários à avaliação, pois pode criar critérios de equivalência dos docentes de sua área com outros onde a titulação é importante. Grace lembra que a UnB ainda não conseguiu definir estes critérios, o que já aconteceu em outras universidades, como a USP.

Na opinião de Edilberto Campos, o fato de a avaliação privilegiar o mérito acima de qualquer outro critério faz com que seja a forma mais justa de definição do salário dos professores.

O professor Antônio Ibañez, diretor da Associação dos Docentes de Ensino Superior (ANDES), discorda da ideia por considerar que, embora essencial, a avaliação é feita para dar satisfação à comunidade interna e externa do que é feito dentro da universidade, não tendo relação direta com os salários.

Susana Dobai



O prefeito Érico Weidle fiscaliza as novas obras

UnB: uma cidade que já tem até prefeito

Regina Elizabeth Roselle Amorim

Ao se pensar na Universidade de Brasília, a primeira ideia que surge provavelmente é de alunos, professores, greves, e outros problemas acadêmicos. Paralelamente a isso, porém, existem outras atividades que envolvem diretamente a manutenção do seu meio físico. Como uma pequena cidade, a UnB também deve pagar suas contas de água, luz, telefone, realizar consertos nas partes hidráulica e elétrica, obras, reformas, cuidar da vigilância e jardins. Para a realização de todos esses serviços, indispensáveis para seu pleno funcionamento, a UnB conta com uma Prefeitura que se ocupa da execução de novas obras ou reparos até o conserto de uma torneira ou a troca de uma lâmpada.

Como uma cidade, a UnB também tem o seu prefeito — o professor do Departamento de Arquitetura, Érico Weidle. "O que a Prefeitura do campus difere das outras é que prestamos serviços pessoais. Normalmente cada um cuida de sua casa, mas aqui cuidamos da casa toda". Criado na administração do atual reitor, esse órgão reúne todas as atividades de manutenção da parte física do campus, antes dispersas em departamentos e setores.

Estrutura

A Prefeitura é dividida em três diretorias: Obras, Planejamento e Serviços Gerais, e provavelmente é o maior órgão administrativo da UnB, contando atualmente com 753 funcionários. Entre eles estão marceneiros, carpinteiros, motoristas, vigilantes e funcionários da limpeza e jardinagem, trabalhando em oficinas próprias dentro do campus universitário.

A Diretoria de Planejamento, que está implantada, trabalhará juntamente com o Instituto de Arquitetura e Urbanismo para a definição de programas de ocupação e uso dos edifícios e realização de projetos, atividades que nunca existiram muito claramente na UnB. A Diretoria de Serviços Gerais, por sua vez, é responsável pela proteção do patrimônio, abastecimento dos veículos da UnB, concessão de serviços, manutenção do alojamento estudantil e mesmo pela compra e reposição de lâmpadas e parafernália. Todos esses serviços podem até passar despercebidos por quem transita pela universidade, mas sem eles o resto não funciona.

Na proposta de Regulamentação da Administração da UnB,

aprovada em 14 de abril de 1986, ficavam claras as finalidades das diretorias, cabendo à de Obras a "execução de serviços pertinentes à manutenção e conservação do patrimônio imobiliário da FUB, dentro ou fora do campus, bem como a fiscalização de novas obras".

As atividades desta Diretoria englobam desde uma mudança de placa até novos projetos de construções, além da manutenção de todas as instalações (água, luz, esgoto). Existem hoje cerca de 64 projetos de obras, como os pavilhões multiuso (destinam-se, a abrigar atividades não-acadêmicas, que estão ocupando o espaço universitário, como o DAE, antiga Copeve), os módulos no subsolo, a reforma dos prédios da Colina, a iluminação do campus, o alojamento dos colonos e o centro de processamento.

Contradição

É exatamente neste ponto que se cai numa grande contradição: enquanto se constrói tanta coisa, faltam recursos para o material de consumo mais básico, como prego, tinta, cola, lâmpada, gasolina, etc. Por que então não se desviam estes recursos para suprir tais necessidades? O professor Érico explica de uma forma bem simples: "Se você tem um apartamento e vende para comprar gasolina para o carro, em pouco tempo você já não tem apartamento e acabou também a gasolina. E aí, você não tem mais nada". É, por este motivo que a Universidade deve transformar um patrimônio em outro.

As verbas para a manutenção do campus (água, luz, telefone etc), vêm do MEC, mas não chegam a suprir um quinto da necessidade orçamentária. Espera-se que o MEC esteja repensando esta questão, de acordo com as negociações feitas durante a greve. Enquanto isso, a administração é feita de tal forma que não falte o indispensável, exercitando uma prática já antiga entre Universidade e MEC: a suplementação de verbas. É como Érico diz, "administrar a Prefeitura é ver como a gente suplementa".

Com um pouco mais de um ano de existência, a Prefeitura do campus começa agora a ultrapassar as primeiras dificuldades de sua implantação e colher os frutos de seu trabalho. "Quando se criou a Prefeitura, houve uma expectativa de que muitas coisas seriam mudadas e muitas obras realizadas, ao mesmo tempo em que era preciso atender a um grande elenco de solicitações", diz o prefeito.

SBPC discute o futuro do Brasil

Telma Regina Pavarino

Tabagismo, envelhecimento, AIDS, Ciência e Constituinte, irrigação. Esses são apenas alguns das centenas de temas que serão debatidos na 39ª reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência — SBPC — que se realizará de 12 a 18 de julho, na UnB.

O Congresso, que se realiza pela segunda vez em Brasília, contará com a participação de cerca de 15 mil pessoas, que discutirão o tema "O Futuro do Brasil Hoje", através de simpósios, seminários e palestras.

Fundada em 1948, a SBPC, uma entidade civil sem fins lucrativos, destina-se a promover o avanço da Ciência e Tecnologia. A maior associação científica do Brasil congrega cerca de 25 mil sócios, cientistas e não-cientistas, desde que interessados na Ciência e em seu progresso, sem exigir, contudo, nenhuma espécie de titulação.

Segundo o professor Isaac Roitman, decano de Pesquisa e Pós-Graduação da UnB, a SBPC nasceu da necessidade de uma articulação entre todas as sociedades científicas num momento histórico em que a ciência começava a se estruturar no Brasil. Para Isaac, a SBPC teve um papel importante nos anos de regime militar. "Ela sempre foi um fórum de ideias e debates onde todos os assuntos podiam ser discutidos sem censura".

Com sede em São Paulo, a Sociedade possui secretarias regionais por quase todas as capitais do País. A UnB é a única universidade a ceder espaço para um escritório regional dentro do seu próprio campus.

A Sociedade edita duas revistas mensais: Ciência e Cultura, distribuída entre seus sócios (uma publicação de trabalhos acadêmicos) e Ciência Hoje, que tem a finalidade de atingir o público em geral chegando a atingir 88 mil exemplares.

SBPC x Constituinte

Além de conferências, debates e

palestras que são promovidos durante todo o ano, a SBPC tem participado ativamente da Constituinte enviando propostas que, em sua maioria, não são aceitas. Para João Luis Homem de Carvalho, secretário regional da SBPC em Brasília, o grupo conservador está ganhando espaço, e a partir do momento em que esse grupo ganha, a SBPC perde, uma vez que a Sociedade tem duas características: é progressista e séria, o que não coincide com certos constituintes que não são nem uma coisa nem outra".

Esse ano, o Congresso terá uma novidade: a Comissão Organizadora promoverá simpósios multidisciplinares, ou seja, diferentes áreas de conhecimento poderão discutir, ao mesmo tempo, um único tema. Assim, a crise energética, por exemplo, não será debatida apenas pelos físicos, mas também pelos sociólogos, ecologistas, políticos etc.

Segundo João Luís, o simpósio sobre irrigação ficará desfalcado. Apesar de insistentemente convidado, José Ribamar Simas, coordenador geral do Programa Nacional de Irrigação, negou-se a discutir o assunto, alegando falta de tempo, embora contactado com três meses de antecedência: "A SBPC não pretende deixar de discutir questões com que ela não concorda, mas não quer debater certos assuntos sem a participação de todas as pessoas interessadas", declarou João Luís.

Apoio

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos organizadores do evento, o secretário regional de Brasília afirma que a reitoria tem dado todo o apoio possível: "Aqui a vontade maior é do Reitor, ao contrário do que correu em 1976, quando Brasília sediou o evento pela primeira vez. Naquela época, era declarado o não-apoio de Azevedo". Na opinião do secretário, a SBPC também não pode reclamar do apoio dado pelo GDF, que participará através de serviços como iluminação, linhas telefônicas,

telex e alojamento: "Mas isso evidentemente não implica na convivência com certas atuações do Governo. Se tivermos que criticar, criticaremos".

Dificuldades

Os 15 mil participantes da 39ª reunião, enfrentarão dois sérios problemas: alojamento e alimentação. O decano de Pesquisa e Pós-Graduação afirma que essa tem sido uma verdadeira operação de guerra para os organizadores, que estão tentando solucionar o problema através das escolas da Fundação Educacional, Estádio Mané Garrincha e mesmo com a organização de um **camping** no Centro Olímpico da UnB, que abrigará 600 barracas.

A rede hoteleira do DF não comporta o contingente de pessoas que virá para o congresso, e mesmo que comportasse, ela já está totalmente comprometida com a Constituinte e com uma pequena parcela da SBPC. Portanto, os organizadores estão cotando também com o "alojamento solidário", ou seja, os moradores que puderem e estiverem interessados em alugar algum, cobrando uma pequena taxa, poderão se cadastrar no próprio escritório regional da SBPC.

Programa

O programa apesar de ainda não ter sido divulgado, já está praticamente definido. Os simpósios, mesas-redondas e apresentações de trabalhos se dividirão das 10h às 18h, não havendo portanto, nenhuma programação para a noite. A abertura, dia 12 às 17h na Sala Villa Lobos, terá uma conotação extremamente cultural. O tema, "a História da Evolução da Música", contará com a participação desde o índio Sapai e sua tribo, representando o primitivismo até o grupo Síntese, de São Paulo, representando a música digital. O encerramento, promovido pela Associação Cultural Brasil-Cuba-DF, será no Gran-Circo Lar com a presença do conjunto musical cubano Sonido Quatro.

Saiba como era a UNE no tempo da brilhantina

Militão Ricardo

A União Nacional dos Estudantes é hoje em dia uma espécie de "tabu" para a maioria dos estudantes. É considerada uma entidade subversiva ou então chata, desinteressante, manipulada por uma minoria radical. A UNE está esvaziada no momento. Mas a maioria dos estudantes não conhece a história da entidade. Ela nem sempre foi como é hoje.

A UNE foi fundada no dia 13 de agosto de 1937, em uma sessão do 1º Conselho Nacional de Estudantes. Este Congresso foi aberto com a presença do Ministro da Educação, em uma plenária que aprovou de saída uma proposta que proibia a discussão de temas políticos. Porém, já no segundo Congresso em dezembro de 1938, os debates tomaram conotação política, organizados em quatro eixos de discussão: situação cultural, situação econômica, saúde, direitos da mulher, esporte universitário e União Nacional dos Estudantes.

Apesar da ditadura do Estado Novo, o presidente Getúlio Vargas foi aclamado presidente de honra do Congresso. Foram realizadas 13 plenárias, nas quais eram discutidas as teses dos participantes, a maioria sobre problemas nacionais, como a criação da indústria nacional; a reforma da Universidade "segundo um tipo brasileiro, conforme as condições que regulam nossa vida e as peculiaridades da nossa alma" e sua ligação com a realidade dos países; "formação de uma mentalidade capaz de conquistar o Brasil para os brasileiros, na exploração intensiva e em grande escala de suas riquezas extraordinárias"; o ensino rural, os direitos da mulher e o fortalecimento das entidades estaduais para a solidificação da entidade nacional. Até então as relações entre a UNE e a ditadura de Vargas eram estáveis. Os membros da direção da entidade eram bem recebidos no Palácio do Catete. Havia repressão política, mas nenhum estudante teve problemas por pertencer à UNE, que nessa época tinha uma orientação nacionalista-democrática.

O 4º Congresso da UNE realizou-se em julho de 1940 e entre os ora-

dores da sessão de abertura estava o jovem Ulysses Guimarães, que foi eleito 1º vice-presidente da entidade. Nesta época não havia sede própria no Rio de Janeiro. As reuniões eram feitas nas casas dos membros da diretoria ou em bares como o Recreio, O "Praia-Bar", no Flamengo ou o "Lamas", no Largo do Machado. A sede própria só foi conquistada durante a campanha contra o "Nazi-fascismo".

Getúlio Vargas mantinha uma posição indefinida sobre o alimento do Brasil na Segunda Guerra. Os integralistas, alguns políticos e setores do Exército tinham simpatia pelos regimes totalitários dos países do Eixo, que procuravam aproximação com o Brasil através de uma ofensiva diplomática. Por outro lado o ministro Oswaldo Aranha, outros políticos, um pequeno grupo de militares e os estudantes iniciaram uma campanha pelo alinhamento com os Aliados. Os estudantes foram o primeiro setor da sociedade a se mobilizar largamente, promovendo comícios, visitando a imprensa, fundando associações de intercâmbio com os países aliados, conquistando a opinião pública e pressionando o Governo a se aliar aos Estados Unidos.

Em agosto de 1942, os estudantes ocuparam o prédio do Clube Germânia, que tinha sido fechado pelo Governo, e ali instalaram a sede definitiva da UNE. Os estudantes continuaram realizando campanhas pelo esforço de guerra, mas, também, começaram a campanha de redemocratização do País. Aos poucos a maioria dos estudantes se juntou à grande frente anti-Getúlio que originou a União Democrática Nacional (UDN).

Em 1945 a UNE promoveu a semana pela anistia, com manifestações por todo o País. Conquistada a anistia, os estudantes se dividiram. Uns apoiavam a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes à presidência, pela UDN. Outros, do PCB, eram favoráveis à permanência de Getúlio Vargas à frente de um governo democrático. Com o fim da guerra e do Estado Novo o Movimento Estudantil (ME) entrou num período de indefinição, pois tinha acabado as causas em torno das quais ele se es-

truturou. Ele perdeu seu conteúdo político. Os estudantes levaram algum tempo para compreender que as novas questões estavam no plano da realidade sócio-econômico e não no plano jurídico-institucional.

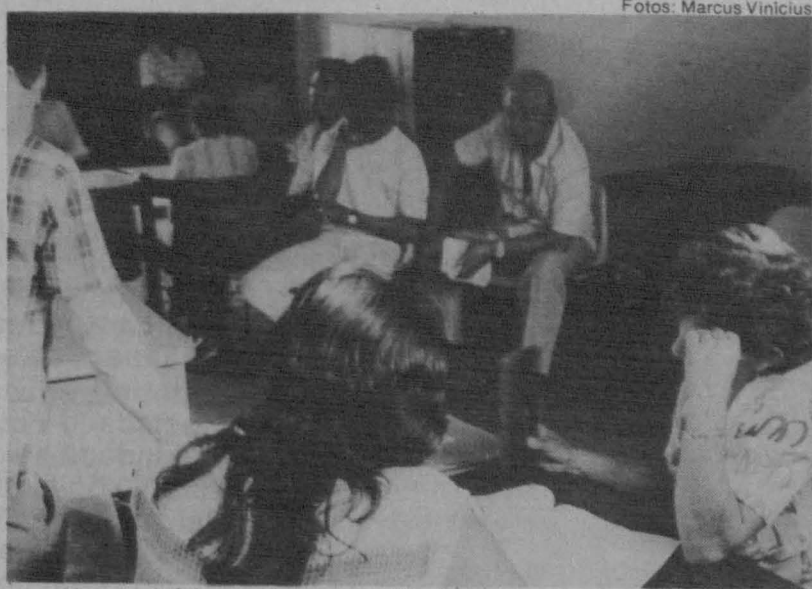
No 10º Congresso, realizado em 1947, houve a ascensão de alguns líderes ligados ao Partido Socialista Brasileiro e o início da campanha em defesa do monopólio estatal, petróleo (o petróleo é nosso), que culminou em 1945 com a criação da Petrobrás.

Em 1950 começa a "Fase negra da UNE", quando ela foi dominada por grupos da ala direita do movimento. A eminência parda deste grupo foi Paulo Egydio Martins (mais tarde governador de São Paulo no Governo Geisel), que comandou a eleição de Olavo Jardim Campos. Eles contaram com o apoio do Departamento de Estado dos Estados Unidos, que enviou a estudante Helen Rogers, para assessorar Paulo Egydio. Durante esta fase continuaram algumas campanhas nacionalistas, por força dos estatutos e foi feita uma campanha buscando voluntários para o exército americano na guerra da Coreia... (!!).

Em 1956 a eleição de José Batista de Oliveira Jr encerra a fase direitista da UNE, que retoma com vigor as campanhas nacionalistas como a campanha contra a "American Can", que ameaçava a indústria brasileira de lataria. Nesta época surgiram a "União Operária-Estudantil contra a carestia" e a primeira frente única de católicos e comunistas no ME. Em 1958 a UNE organizou uma grande campanha popular contra um acordo petrolífero para o Brasil.

No final da década de 50, a UNE estava em grande atividade no Brasil. Nesta época os grupos católicos começaram a ganhar peso dentro do movimento. Um deles era a Juventude Universitária Católica (JUC). De uma dissidência desse grupo surgiu a Ação Popular (AP), que viria a ter participação ativa na década seguinte. Em 1960 o movimento estudantil era um dos setores mais organizados da sociedade. Os estudantes eram de classe média e alta, ou seja, filhos da classe dominante. Mas da mesma maneira que em 1938 eles partiram da constatação de que a universidade não tinha nada a ver com o país em que eles estavam vivendo, que a formação profissional que eles recebiam lá não valia nada, que o ensino superior era um privilégio e começaram uma intensa mobilização por uma reforma universitária grande, retomando os ideais de Córdoba no início do século.

Mais de cinquenta pessoas com problemas, como aumento de aluguel, despejo, separação, pensão alimentícia, guarda dos filhos e agressões físicas, procuram diariamente a assistência jurídica gratuita da Universidade de Brasília. Nos escritórios-modelos da UnB, apenas são atendidos os que apresentam renda mensal inferior a dois salários mínimos e meio. Quinze alunos do Curso de Direito assistem à população carente da Ceilândia, Asa Norte, Vila Paranoá e invasões, sob a orientação de dois advogados que a universidade contratou para este fim. Quando participa deste trabalho, o estagiário de Direito tem de se virar, uma vez que, na faculdade, exercita pouco a prática de redação de petições e de encaminhamento de processos, uma vez que o exercício junto à comunidade exige tudo isso. Este tipo de atividade de extensão faz parte da política adotada pela atual reitoria, objetivando levar a Universidade de Brasília à comunidade e, com isso, trazê-la à universidade. Só assim se terá uma verdadeira Universidade Aberta, e não uma que, há tempos, foi anunciada de acordo com os moldes da "Open University".



No escritório-modelo, o auxílio à população de baixa renda



Para muitos, a assistência jurídica dos alunos é a solução

Hoje, o Direito não é só direita

Francisco de Paula

Quem ainda não foi ao Departamento de Direito da Universidade de Brasília está perdendo, sem dúvida alguma, um grande espetáculo: alunos almofadinhas, com calças vincadas e sapatos de matar-barata-em-canto-de-parade, e, ainda suas colegas, que mais parecem arrumadas para dançar a valsa, nas saudosas festas de quinze anos. É um quadro brega que salta aos olhos, mas já balança na parede da universidade, uma vez que, hoje em dia, notam-se mudanças no comportamento de certos alunos e professores.

Com a presença do escritório modelo no campus, mais precisamente na Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, e do Escritório Jurídico de Assistência Comunitária da UnB, na E/QNN 18/20 — bloco C — loja 5 — da Ceilândia Norte, as cores do Direito tão direitas vêm-se mesclando pouco a pouco à da população de baixa renda do Distrito Federal, e por conseguinte, o afresco pernóstico, em que se encontram os futuros advogados formados pela UnB, vai perdendo sua aquarela original. E, assim, começa a se apagar a triste memória de um departamento reacionário e alheio às lutas de alunos e professores por melhores condições de ensino.

Na Ceilândia, a história é bem diferente: há cheiro de povo. E, toda tarde, quatro dos 15 estagiários que se revezam no plantão têm de se requebrar, uma vez que cerca de 50 pessoas, com problemas que vão de aluguel a incesto, procuram diariamente a assistência jurídica gratuita. Com isso, a fila vai crescendo e o trabalho se avolumando, apesar de

a clientela ser previamente selecionada. Tanto nesta cidade satélite quanto no campus, atende-se apenas aos carentes na forma da lei, isto é, pessoas com renda mensal inferior a dois salários mínimos e meio. O trabalho é tão intenso que a agenda, desde abril, encontra-se lotada até junho. E a Defensoria Pública de Taguatinga muito tem contribuído para o agravamento deste quadro.

Taguatinga lava as mãos

Quando a universidade iniciou este gênero de atividade na Ceilândia no início deste ano, no Fórum de Taguatinga ficou-se um cartaz, dizendo que não mais se assistiria a moradores daquela cidade satélite, e que estes fossem procurar o Escritório Jurídico de Assistência Comunitária da Universidade de Brasília. E, até hoje, Taguatinga segue a mesma linha, encaminhando mais e mais clientes aos estagiários.

Além dos alunos do Direito e dois advogados que os orientam nesta atividade extracurricular, participaram deste trabalho estagiários dos cursos de Serviço Social e Psicologia, procurando desenvolver um trabalho interdisciplinar que conte com a atuação efetiva de pessoas das três áreas. Como resultado deste esforço, já foram formados dois grupos de moradores da Ceilândia com problemas comuns, e está em via de se formar o terceiro. Os grupos se encontram quinzenalmente e, nas reuniões, são discutidos assuntos como as agressões físicas sofridas pelas mulheres, a fim de que os membros da comunidade

local, a partir de críticas a situações vivenciadas, possam ter uma visão clara da realidade e tenham condições de mudá-la. Neste semestre, contudo, ainda não compareceram a estes encontros os estagiários de Direito. E os demais, no presente momento, redigem mui humildemente uma carta, solicitando a participação efetiva dos futuros advogados neste processo que visa à fixação das bases de uma sociedade mais justa, ou melhor, com mais Justiça.

"A iniciativa da UnB de não se limitar só ao campus é super válida, porque o aluno passa a ter oportunidade de associar a teoria à prática de modo mais consistente". São as palavras de Maria Teresa Nunes Rocha, estagiária de Serviço Social no Projeto Ceilândia, ao qual o Escritório Jurídico de Assistência Comunitária está integrado.

Segundo o Decano de Extensão, professor Volnei Garrafa, o trabalho que a UnB vem desenvolvendo junto a comunidades carentes do Distrito Federal objetiva não só tirar o aluno do "esterilizador", mas, sobretudo, através de um trabalho não-assistencialista e crítico, contribuir para que sejam firmadas as bases de uma sociedade civil. Isto é o próprio exercício da cidadania. E destaca ainda que estas atividades de extensão têm possibilitado maior integração entre as disciplinas, e, para isso, utiliza-se das palavras de um aluno do Direito, ao avaliar seu estágio na Ceilândia: "A integração entre os cursos que, na teoria, aqui na universidade não se consegue a prática, lá fora nos exigiu".

Bolsa de Trabalho: até que enfim o aumento

Cláudia Prado

Depois da vitória da greve dos professores, chegou a vez dos alunos da Bolsa de Trabalho. A partir deste mês, os bolsistas, que recebiam por mês apenas mil e duzentos cruzados, passarão a ganhar dois mil e quinhentos cruzados, além de terem reduzidas de 20 para 15 as horas de trabalho. A decisão foi tomada no dia três, durante uma reunião entre o Reitor e 25 representantes dos bolsistas.

Apesar do aumento, os alunos pretendem negociar em julho um novo reajuste. A proposta é de três mil cruzados neste mês, e uma nova negociação em agosto para alcançarem dois salários mínimos. No entanto, será difícil para o Reitor tomar decisões precipitadas, pois com a instabilidade do Governo não dá para prever os ajustes salariais que possam surgir até o final do ano.

Para Luiz Fernando Molina, bolsista, a decisão tomada pelo Reitor foi mais do que justa, mas "é importante saber se os bolsistas estão fazendo o que eles se propõem a fazer, ou seja, se eles estão realmente trabalhando".

Salário baixo

Mil e duzentos cruzados. Este era o salário que os alunos da Bolsa de Trabalho recebiam por mês. São 180 alunos trabalhando em 34 locais na UnB, e um salário que era considerado defasado, principalmente para aqueles que tinham esse dinheiro como único provento para se sustentar. Além disso, era fato corriqueiro na vida dos bolsistas o atraso dos pagamentos. Somente no mês de maio, os salários foram pagos em dia. Durante a greve, por exemplo, alguns alunos continuaram a trabalhar e, no entanto, não receberam.

Os bolsistas organizaram-se para reivindicar redução da carga horária de trabalho (de 20 horas semanais para 15) e o aumento de salário. Para eles, é também importante que seus serviços sejam mais valorizados. O baixo salário também não atraía os alunos. A maioria abandonava a bolsa pela má remuneração.

Para Maria Flávia, aluna do Serviço Social e bolsista, deveria haver um salário baseado nos gastos individuais dos bolsistas, pois, para ela, mesmo o salário mínimo vigente não dá para um aluno se sustentar: "O movimento de alunos chegando e saindo é grande, pois quem precisa de dinheiro não aguenta ficar. Quando surge uma oportu-

nidade cai fora mesmo. Quem vai querer ficar aqui?"

A história da bolsa

A Bolsa de Trabalho foi criada com a implantação do Alojamento Estudantil, e sua verba vinha do pagamento dos moradores. Em 85, a receita do Alojamento foi então desvinculada do programa de bolsa e a FUB — Fundação Universidade de Brasília — assumiu todo o ônus.

Nessa época, eram concedidas 30 bolsas durante o ano, depois foram ampliadas para 50, e no ano passado, aumentaram para 180, número que é mantido até hoje. O valor da bolsa de mil e duzentos cruzados foi decidido no final do ano passado, época em que ainda era compatível com o salário mínimo.

Segundo a chefe do Serviço de Mercado de Trabalho, Glaucia Borges, o objetivo maior da Bolsa de Trabalho é atender o aluno carente de recursos financeiros: "Nós oferecemos um local para ele trabalhar e a bolsa para ajudá-lo a manter-se".

A escolha dos locais de bolsa é feita de acordo com os benefícios que este lugar proporciona à Comunidade Universitária. Alguns destes locais são: a Biblioteca Central, o guarda-volumes do Bandedjo, a recepção do Mercado de Trabalho do DAC, a AAUnB, ligada a esportes, além de outros 30 dentro da própria universidade. A UnB, através da Bolsa de Trabalho, também mantém convênios com certos órgãos, nos quais o bolsista pode trabalhar fora do Campus Universitário, tais como a FAE — Fundação de Assistência ao Estudante —, e o EMFA, entre outros.

Para se inscrever na Bolsa de Trabalho, o aluno deve obedecer a alguns critérios. Primeiro, estar regularmente matriculado, ou seja, não pode estar com a matrícula trancada ou em processo de jubilamento; caso ele escolha uma das entidades ligadas por convênio à UnB, deverá seguir os critérios próprios do órgão. O aluno candidato à bolsa também não pode ser monitor. Tendo então cumpridos todos os critérios exigidos, o aluno faz sua inscrição preenchendo uma ficha de solicitação de bolsa e, em anexo, entrega sua documentação socioeconômica. Mediante uma seleção, são escolhidos os alunos mais carentes.

Na verdade, não há como se fiscalizar se após a inscrição o aluno continuará carente, ou não. Apenas existe um Termo de Compromisso assinado pelo próprio bolsista, garantindo sua permanência como carente durante os seis meses de contrato.

Pipa da UnB faz sucesso no exterior

Luiza Adriana Mouta

Existe um brinquedo que, embora, seja conhecido por várias denominações, tem como receita básica os seguintes componentes: varetas de bambu ou de buriti, grude (cola caseira feita com farinha de trigo por exemplo), papel de seda, linha e cerol. Dependendo da armação, da abertura do cabresto, da existência ou não de rabola, poderá ser conhecido como pipa, papagaio, pião, arraia, califa e por nomes mais regionalizados como pandorga, quadrado, tapioca ou balde.

E a criatividade aplicada à arte, terminou por se transformar em coisa séria. A professora Stella Maris de Figueiredo, do Departamento de Desenho da UnB, já desenvolve há anos uma pesquisa sobre suportes alternativos para gravuras. A seu ver, é preciso que se busquem novas opções para a gravura, para além da sua estatística na parede. Depois de passar pelos estandartes, bandeiras, peneiras e bastidores, o encaminhamento estético de sua pesquisa aproximou-se da pipa: por sua leveza, simplicidade e elegância. Da tentativa de se adaptar o papel de seda à xilogravura, surgiu a ideia da pipa, enobrecida esteticamente e pedagogicamente.

O Itamaraty tendo tomado conhecimento, através da Fundação Cultural do Distrito Federal, via Ministério da Cultura, da pesquisa da professora Stella Maris, convidou-a para representar o Brasil no festival internacional "Touch The Sky", em Ottawa, no Canadá. Realizado no último dia 18 de maio, sob o patrocínio da Rádio CBO-920, da cadeia da Canadian Broadcasting Corporation, o evento atraiu mais de quatro mil pessoas. O Brasil foi o único país ocidental a participar do festival, ao lado das representações da China, Coreia, Índia, Indonésia, Japão, Malásia, Filipinas, Sri Lanka e Tailândia.

As pipas brasileiras enviadas foram da autoria dos seguintes alunos do Departamento de Desenho da UnB: Rubens dos Santos, Ana Clara Barreiro, Terezinha Maria de Jesus Piccoli, Patrícia Faria, Gerson Cláudio, Francisca do Rego Silva (Tita) e Stella Maris de Figueiredo. A fim de angariar fundos para as instituições beneficiadas The Ottawa Folk Arts Council e Boys and Girls Club of Ottawa-Carleton, foi realizado um leilão, tendo sido arrematada, por 50 dólares, o papagaio-pipa intitulado "No Escuro do Cinema", da autoria de Tita. Este foi o maior valor de remate, que nem mesmo, países como o Japão e China, conseguiriam alcançar.

Mãe solteira, favelada, ganhando o mínimo

Fátima Aparecida Ferreira Rocha, 23 anos, com lágrimas escorrendo dos olhos e entre soluços, conta seu drama de ser mãe solteira, morar em um barraco com a mãe e outros familiares, ter dois filhos para criar (um de dois e outro de quatro anos), ganhar salário mínimo, pegar dois ônibus por dia, trabalhar como doméstica no eixo que, para ela, fica perto da Rodoviária do Plano Piloto e ainda por cima receber vez por outra sacatadas do ex-amante, pai de suas duas crianças. E pede a

uma estagiária de Direito e outra de Serviço Social que resolve seu caso, que, segundo ela, é receber pensão alimentícia, pois o pai dos meninos não contribui para o sustento dos filhos. Fátima também diz de suas andanças em busca de assistência jurídica. Já perambulou pela Defensoria Pública de Taguatinga, e de lá mandaram-na procurar o Escritório Jurídico de Assistência Comunitária da Universidade de Brasília.

Casos como o de Fátima são muito comuns no escritório da Universidade e

serão resolvidos através das vias legais, mas o trabalho dos estagiários de Direito, Serviço Social e Psicologia não pára por aí. Ela será convidada a participar dos encontros dos Grupos de Mulheres, que são realizados quinzenalmente por pessoas que vivem, na pele, situações semelhantes a esta, a fim de que se troquem experiências através de postura crítica, objetivando vencer obstáculos para se viver uma vida menos sofrida, pois já basta o aviltante salário mínimo.

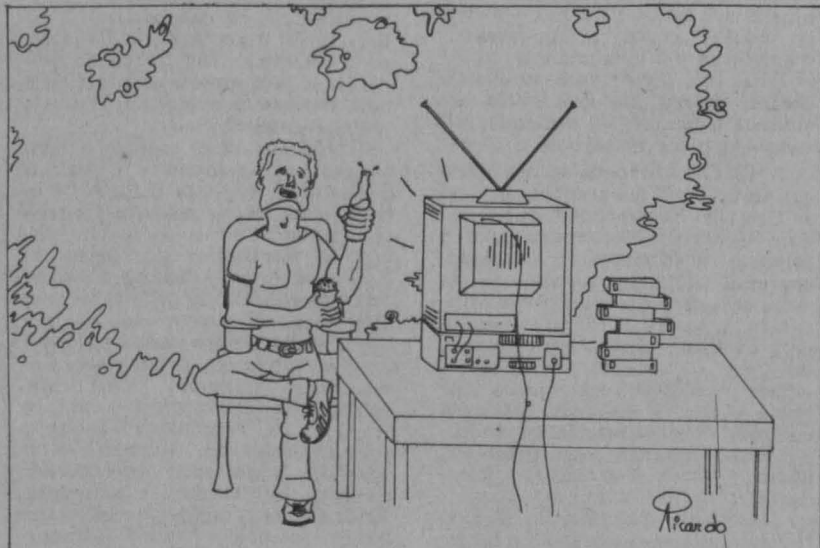
acontece...

Arraiá da UnB

O "arraia" da Engenharia Florestal realizará a sua tradicional festa junina no dia 20 de junho, na Fazenda Água Limpa, e convida todos os "caipiras" da UnB para a festança. Os convites podem ser adquiridos no CA do Departamento ou diretamente com os alunos do curso. A festa promete muita animação com forró, apresentações de duplas caipiras, quadrilha e casamento na roça. As duplas caipiras que quiserem se apresentar poderão fazer suas inscrições com Fred Brasiense, na DAC. No dia da festa, transporte não será problema, pois sairá um ônibus da Asa Sul às 20:30hs. Para levar os roceiros festeiros e voltará às 5hs, quando o dia "já tivé raiando". Fique de olho e não perca essa!

Encontro Marcado

Nos dias 16 e 17 de junho estarão na UnB, participando do Projeto Encontro Marcado, os escritores Ferreira Gullar e Moacyr Scliar. As apresentações serão realizadas no anf. 9, às 10hs., inicialmente com a projeção de um vídeo-documentário do convidado, seguida de debates com o público. Ferreira Gullar é poeta, ensaísta, teatrólogo e crítico de artes plásticas e tem como destaque entre suas obras: "A Luta Corporal", "Dentro da Noite Veloz", "Poema Sujo", "Vanguarda e Subdesenvolvimento" e a peça teatral "Se Correr o Bicho Pega, Se Ficar o Bicho Come". Atualmente, Ferreira Gullar trabalha como jornalista e produtor de textos



especiais da Rede Globo. O escritor e médico Moacyr Scliar, que estará na UnB no dia 17, consagrou-se como romancista e contista. Destaca-se entre suas obras: "O Centauro no Jardim", "Os Deuses de Rachel" e seu último livro, "Do Mágico ao Social". O Projeto Encontro Marcado é promovido pela Fundação Nacional Pró-Memória/Museu Nacional de Belas Artes e caracteriza-se principalmente pelo tom informal dos debates.

Solte a voz

Você já pensou alguma vez em soltar a sua voz e todos os seus talentos, cantando? Existem na UnB quatro corais, abertos à participação de todos os interessados. São eles: "Coral da UnB" (ensaios todos os sábados à tarde no anf. 9); "Meta a

Língua no Canto" (tratar com Vadim, no CA de Letras); "Tanoshii Tori" (Coral Japonês — tratar com Marco Aurélio, na sala 19 do Departamento de Música) e "Coral dos Funcionários da UnB" (oferece um curso para iniciantes — funcionários e dependentes. Tratar com Izaltina no SEC/DAC). Não perca essas oportunidades!

Novo endereço

Estão com endereço novo desde a semana passada a Diretoria de Assuntos Comunitários (DAC) e a Diretoria de Serviço Social (DSS), que funcionavam no prédio da Reitoria. Ocupando um espaço maior e mais próximos dos alunos, esses dois serviços passam a funcionar no ICC Norte, Subsolo, Módulo 2 — em frente ao Restaurante Coisas da Terra.

Roselle Amorim

Oficina de Bonecos

No dia 12 de junho tem início a Oficina de Bonecos, com Jalbas Costa, curso com um mês de duração promovido pelo Núcleo de Teatro da UnB. Para participar da oficina não é necessário ter experiências anteriores nem ser aluno da universidade. As inscrições podem ser feitas no Núcleo de Teatro (SEC/DAC), com Tetê, Helô ou Dimer. O curso será ministrado às terças e quintas, de 12 às 14hs, no Departamento de Desenho e será oferecido gratuitamente.

Video no almoço

Prossegue a todo vapor a programação do Núcleo de Vídeo, com projeções diariamente às 12h e terças e quintas às 18:15 h. Neste mês, o público poderá assistir a filmes como "A Missão", "Asas da Liberdade" e "Amadeus", sempre no anf. 15. Aproveite o seu intervalo de almoço para ver bons vídeos e participar da escolha e programação do Núcleo. Para outras informações procure Celso ou Marcos no SEC/DAC (Ramal: 2324).

Dança e Movimento

As pessoas interessadas em desenvolver atividades de vivência dos movimentos e da dança, podem procurar o Núcleo de Dança da UnB, no SG 10 (atrás do Departamento de Música) e falar com Márcia. Integram o núcleo: o Grupo Experimental de Dança da UnB (GEDUnB), Endança, Lapizlazuli e grupos de vivência. O espaço é aberto à participação de todos, independente de experiência anterior ou não.

Muro

O trem sem alegria

Parece que já não é tão fácil embarcar no "trem da alegria" da UnB. Na quinta-feira, dia 21 de maio, entrou pela porta do Decanato de Ensino de Graduação um senhor de traços sóbrios e voz formal querendo convencer a decano Paulina Targino da "legalidade" da transferência de seu filho para esta universidade. Embora o rapaz estivesse cursando Engenharia Eletrônica, curso inexistente na UnB, o homem mostrou um argumento infalível há alguns anos: sacou um cartão apresentando-se como Ernane Gurgel, assessor técnico da Segunda Secretaria da Câmara dos Deputados. Diante da resistência da Decano, o ilustre desconhecido ameaçou processá-la.

Roubo no Direito

Parece que "o homem da capa preta" não fica só nas telas do cinema. No último dia 3, à tarde, um indivíduo coberto por uma capa preta e usando capacete, roubou a urna da eleição que se estava realizando para o CADIR (Centro Acadêmico de Direito). A la Golpe de Mestre, um veículo de motor ligado e placa encoberta aguardava o "fora-da-lei" que resolveu impedir o exercício da democracia no Campus Universitário. Há suspeitas de quem estava por trás do disfarce. Será que os futuros advogados irão enquadrá-lo no Código Penal?

Segredos da Globo

Daniel Herz esteve na UnB dia 25, para falar sobre seu livro "A História Secreta da Rede Globo", que mesmo antes do lançamento, dia 27 em Brasília, na Câmara dos Deputados, já era um dos mais vendidos no País pela nona semana consecutiva. Daniel disse que o objetivo do livro é chamar a atenção do público para a ilegalidade da implantação da Globo principalmente no que se refere à interferência da Time Life, cujo interesse era de entrar na América Latina na frente de outros grupos econômicos.

O autor afirmou ainda que o termo "Segredo" empregado no título do livro não é sensacionalista, mas advém do fato de que a documentação sobre a Rede Globo está dispersa e é de difícil acesso, sendo que poucas pessoas sabem a verdadeira história dessa emissora.

Ágil distribuição

O Campus n° 100 foi esgotado em menos de meia hora, dia 28 passado. Editores e repórteres se mobilizaram espontaneamente num trabalho de equipe, que percorreu o Minhocão, de Norte a Sul, com uma distribuição simpática e eficaz. A receptividade foi excelente.

Apesar de algumas reclamações de que faltaram exemplares destinados à Reitoria e a Departamentos fora do Minhocão, a equipe de distribuição está de parabéns, pois certamente a agilidade no trabalho demonstrou o grande desejo pelo sucesso de nosso jornal.

Constituinte

Direita larga na frente mas esquerda vem logo atrás

Pressões legítimas sobre o constituinte

Ana Helena Rossi

Segundo os setores progressistas, até o dia da votação final, a pressão popular sobre os constituintes precisa aumentar, o que significa azeitar as relações entre os parlamentares e as entidades populares. No entanto, "existe um descompasso entre a Constituinte e a sociedade. Ela não está a par de informações básicas como prazos, compartimento dos constituintes. Assim, nosso poder de fogo diminui sensivelmente", avalia Edmilson Valentim, jovem deputado metalúrgico do PC do B-RJ.

Articulação nesse nível pressupõe superar divergências políticas, às vezes profundas, a fim de prevalecer as propostas que contribuam para a organização dos trabalhadores, segundo os progressistas. "Foi difícil, mas evitamos os personalismos, uma vez que todos tiveram consciência de que era necessário abrir mão de alguma coisa. O avanço foi considerável porque o conteúdo dos relatórios superou as questões partidárias", ensina a deputada Benedita da Silva (PT-RJ), representante dos movimentos negros.

Uma articulação dentro e fora

da Constituinte é fundamental para garantir propostas há muito tempo na pauta das centrais sindicais, como a estabilidade no emprego, o direito de sindicalização e de greve dos servidores públicos e a redução da jornada para 40 horas semanais. "Para pressionar, todos os meios são legítimos, desde a coleta de assinaturas até caravanas ocupando o Congresso Nacional", afirma Eduardo Jorge (PT-SP), médico oriundo da área sindical. No caso dos direitos dos trabalhadores, o parlamentar Augusto Carvalho, ex-presidente do Sindicato dos Bancários do DF, sugere que a "melhor tática é divulgar a posição do constituinte em sua base eleitoral, pois ele é muito sensível a isso".

Mas, dentre os progressistas, há também quem queira desmistificar as mobilizações. "Denunciar não é só ato público. Culmina com ele. O fundamental é a presença nos gabinetes, a pressão das entidades durante as votações", acrescenta Edmilson. Tal posição entre os parlamentares progressistas é a fim de "puxar os votos do centro, e não deixar que sejam capturados pela direita", prega Eduardo Jorge.

Mandato de quatro anos atropela parlamentarismo

Marden Elias

Dois grandes temas polêmicos dividem a Comissão de Organização dos Poderes e Sistemas de Governo: o mandato do presidente Sarney e a substituição do regime presidencialista pelo parlamentarista. O relator da Comissão, deputado Egidio Ferreira Lima (PMDB-PE), fixou em seu relatório um mandato de quatro anos para o atual presidente da República. O deputado Ulysses Guimarães, presidente da Constituinte, em articulação com o deputado Carlos Sant'Anna vem tentando revitalizar o mandato de cinco anos para Sarney. Por enquanto, as movimentações vitoriosas partem do líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas, a favor de um mandato de quatro anos.

O mandato do presidente Sarney é trunfo e ao mesmo tempo pomo de discórdia do PMDB. Ulysses talvez veja na polêmica uma rédea sobre o governo. Mas a polarização Ulysses-Covas, pode significar uma divisão irreparável do PMDB. Além disso, o PDT de Leonel Brizola surge por fora, carregando a bandeira das eleições diretas, e pode ganhar com a

Com o fim do trabalho das 24 Subcomissões e das oito Comissões, a Constituição começa a ganhar um contorno que, na avaliação da maioria dos políticos, é conservador. Para isso, os constituintes identificados como "progressistas" preparam-se para enfrentar a fase final dos trabalhos com uma ação política mais efetiva. Mas, por serem um grupo heterogêneo, os "progressistas" dividem-se na maneira de agir politicamente.

Uns defendem o crescimento da mobilização e pressão da sociedade junto à Constituinte. Outros, vêem o caminho da negociação política como a melhor alternativa para aprovar suas propostas. "Só vai passar o que for negociado", prevê o deputado gaúcho Antônio Brito.

"Vamos pelo menos polemizar a sociedade", retruca o petista por São Paulo, Luis Gushiken. "Vamos derrubar os avanços da esquerda", avisa o deputado mineiro pelo PMDB, José Mendonça de Moraes. Nesse jogo de palavras,

os parlamentares mostram a intenção de transformar a Constituinte em algo mais relacionado com o dia-a-dia das pessoas. Mas há quem ache que ainda é cedo para qualquer avaliação, como o senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte. Responsável pela maior bancada partidária na Constituinte, Covas vê tendências progressistas vitoriosas na área social e conservadoras na área econômica: "Mas nem uma coisa nem outra corresponde à média".

"Não podemos ter uma Constituição vesga, que não irá fazer uma revolução que a sociedade ainda não fez", adverte Fernando Henrique Cardoso, senador paulista pelo PMDB, preocupado que o Conflito progressistas versus conservadores tome conta da Constituinte. "O maniqueísmo esquerda-direita não servirá ao País", faz coro com o deputado Artur da Távola (PMDB-RJ).

Esquerda articula plano para evitar mais derrotas

Adriana Vasconcelos

Os membros mais progressistas da Comissão do Sistema Tributário, Orçamento e Finanças já possuem um plano de ação na Constituinte para combater as resistências conservadoras. Com o apoio da imprensa e a formação de um grupo de pressão progressista, os constituintes Fernando Gasparian (PMDB-SP) e Luiz Gushiken (PT-SP), apostam na manutenção das propostas mais inovadoras, além de assegurarem a luta equilibrada para a aprovação de itens rejeitados nas Subcomissões.

Um item aprovado contra a vontade de muitos interesses foi o que pôs fim à comercialização das cartas-patentes cedidas pelo Banco Central, afirmou Gasparian. Para o deputado Adroaldo Streck (PDT-RS), "essa atitude elimina a repetição de escândalos, nos quais os donos dessas cartas-patentes, após a falência de seus bancos, podiam vendê-las e assim tornarem-se homens ricos. O prejuízo ficava para a Nação".

O fim da comercialização das cartas-patentes, afirma Gushiken, contraria os interesses dos ban-

queiros, na medida em que lhes são atribuídos valores bastante elevados. Porém, continua ele, se esse item desagradar aos grandes bancos, agrada aos pequenos ou aos que querem entrar no sistema financeiro. "É uma proposta que dá para dividir os inimigos, ou seja, o de ser aprovada nas fases seguintes da Constituinte".

O deputado Gasparian justifica sua proposta de limitar em 12% a taxa real de juros: "No mundo inteiro os juros cobrados vão de 6% à 7% ao ano. No Brasil, esse juro pode ir a 30% ao mês, dependendo da taxa de inflação, o que sufoca a produção do País".

Outra proposta pela qual Gasparian pretende se esforçar para aprovar é a que define a distribuição de recursos oficiais de forma proporcional à produção de cada Estado, o que beneficiaria os Estados mais pobres. Atualmente esses recursos são distribuídos proporcionalmente à riqueza do Estado.

A proposta de Gushiken que defende a estatização do Sistema Financeiro Nacional vai ser levada adiante. Pois ele acredita que mesmo se o Congresso voltar a derrubá-la, essa pode pelo menos polemizar a sociedade.

Estratégia de conservador é passar pacote sem debate

André Camargo

Esvaziar os debates e aprovar um pacote pronto e fechado. Essa foi a receita usada pelo grupo conservador na Comissão da Ordem Econômica. Capitaneados pelo ex-ministro Delfim Netto (PDS-SP) os conservadores simplesmente não compareceram à maioria dos debates, preferindo aparecer somente na votação. O próprio Delfim manteve-se alheio aos últimos debates, optando por uma viagem aos Estados Unidos, por 15 dias.

— "A Constituinte está sendo programada e definida fora do país", acusa Irma Passoni (PT-SP), ao constatar a ausência dos parlamentares da Comissão na última reunião de debates do primeiro relatório, apresentado no início de junho. No final da reunião Passoni falava apenas para o presidente da Comissão, José Lins.

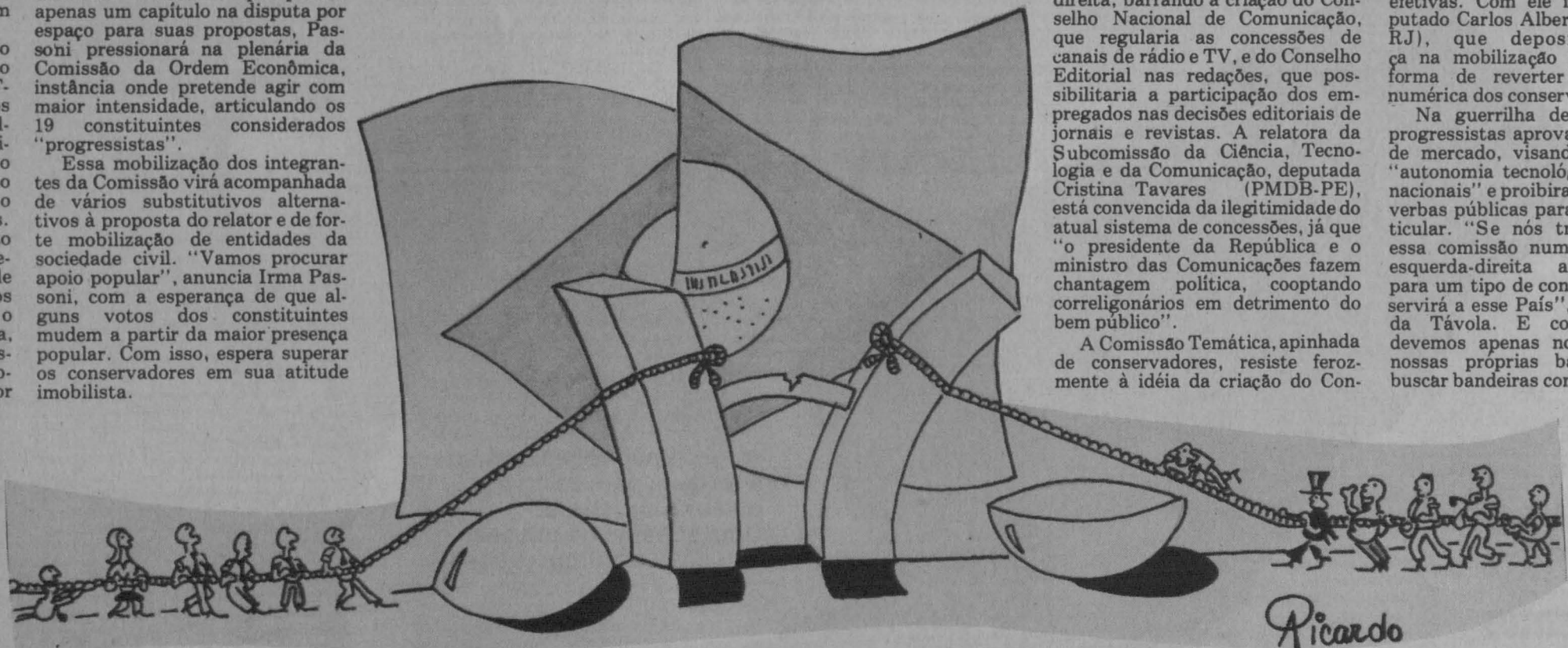
Mas não é só o esvaziamento dos debates que preocupa a deputada paulista. A correlação de forças, desfavorável aos chamados "progressistas", também tira o sono de Passoni. Na avaliação dela, 44 dos 63 constituintes da Comissão "nem sabem o que estão votando". Ou seja, cerca de 70 por

cento da Comissão estariam comprometidos com a tática de minimizar os debates e votar em bloco, aprovando o pacote que for definido pelos gurus Delfim Netto, Roberto Campos e Afif Domingos.

— "Como eles têm a maioria na Constituinte após receber o pacote, vão nos enfiar goela abaixo, não precisando discuti-lo", resume Irma Passoni. Mas ela não está desanimada e já prepara a contra-ofensiva. Consciente que perdeu apenas um capítulo na disputa por espaço para suas propostas, Passoni pressionará na plenária da Comissão da Ordem Econômica, instância onde pretende agir com maior intensidade, articulando os 19 constituintes considerados "progressistas".

Essa mobilização dos integrantes da Comissão virá acompanhada de vários substitutivos alternativos à proposta do relator e de forte mobilização de entidades da sociedade civil. "Vamos procurar apoio popular", anuncia Irma Passoni, com a esperança de que alguns votos dos constituintes mudem a partir da maior presença popular. Com isso, espera superar os conservadores em sua atitude imobilista.

Progressistas de um lado e conservadores de outro tentam, nos próximos meses, aprovar suas propostas e incluí-las na Constituição. Cada um, a seu modo, articula as forças políticas que lhes dão sustentação e preparam-se para a fase final dos trabalhos da Constituinte. Negociar, mobilizar, pressionar e articular, são verbos comuns no vocabulário dos constituintes e que tornaram-se palavras de ordem nas comissões.



Defesa da moral e bons costumes provoca duelo

Mário Tafuri

Na Comissão da Soberania, dos Direitos e Garantias do Homem e da Mulher, com 60 homens e três mulheres, a luta se trava a nível puramente ideológico. Conservadores e progressistas se duelam na discussão da moral e dos bons costumes do cidadão brasileiro.

O anteprojeto de José Paulo Bisol, senador progressista do PMDB gaúcho, é considerado o mais polêmico. Ele proíbe a pena de morte, não considera o aborto como tema constitucional, libera o divórcio e cria o Tribunal de Garantias Constitucionais entre outros pontos. Amaral Netto (PDS-RJ), autor da emenda sobre a pena de morte, não se deu por vencido e encaminhará à Comissão de Sistematização mais de 100 mil assinaturas favoráveis à sua proposta.

Fazendo ressalvas àqueles que se denominam progressistas, José Mendonça de Moraes (PMDB-MG), diz que Bisol quer avançar mais que a Constituição da Rús-

sia: "Bisol deixa na saudade o Lenin, Stalin e Marx quanto aos conceitos que emite em seu parecer. Eu e mais alguns membros da Comissão vamos derrubar os grandes avanços da esquerda. A Constituição será mais adequada com a média do pensamento brasileiro" concluiu o deputado. Para Costa Ferreira (PFL-MA), o relatório de Bisol extrapolou, enfraquece a família e libera a censura: "Nós vamos, através dos debates, trazer os moderados para o nosso lado". Na questão do aborto ele acha que se deve manter o que diz a atual Constituição (direito à vida desde a concepção). Já Lysâneas Maciel (PDT-RJ) diz que não adianta vestir o velho de novo, é preciso uma forte pressão da sociedade. O mesmo defende Ana Maria Rattes, (PMDB-RJ): "O político quando sente o olho de seu eleitorado, toma uma postura diferente. Só com a pressão do movimento popular, no plenário da Constituinte, é que retomaremos a esperança de não termos uma Constituição vesga. E preciso fazer alianças políticas para cooptar o bloco de centro, para as causas avançadas".

Solução negociada leva à autonomia parcial do DF

Valéria Mendes e Paulo C. Velho

Uma solução negociada. Essa foi a fórmula encontrada pelos constituintes da Aliança Democrática do Distrito Federal para garantir, junto ao relator da Comissão de Organização do Estado, senador José Richa (PMDB-PR), a autonomia política parcial para Brasília. Richa, em seu substitutivo, incorporou praticamente todas as propostas apresentadas pelo deputado Sigmaringa Seixas (PMDB-DF).

Para garantir que o povo de Brasília elegeisse seu governador pelo voto, os constituintes da Aliança Democrática aceitaram que sua eleição ocorra simultaneamente à eleição do Presidente e Vice-Presidente da República. Aceitaram, ainda, a designação de "governador distrital" o que significa, na prática, a perda do comando da polícia militar e do judiciário, que permanecerão sob custódia do Governo Federal.

Assim, prevaleceu a tese levantada pelo deputado Jofran Frejat (PFL-DF) de que o futuro governante da cidade tivesse o status de governador e não de prefeito, como era a tendência do

relator José Richa. Ao lado do "governador distrital" será eleito um vice-governador e uma Câmara Legislativa, com mandatos da mesma duração do presidente da República.

O substituto do senador Richa representa uma vitória política do PMDB e do PFL que, no processo de discussão, não estavam muito empenhados na luta por uma autonomia plena para o Distrito Federal. Essa postura pode ser explicada pelo fato de que nenhum desses dois partidos possui candidatos ao cargo de governador do Distrito Federal.

O PDT (Partido Democrático Trabalhista), o outro partido que tem representantes de Brasília na Constituinte, conta com o senador Maurício Corrêa, um candidato bem cotado nas pesquisas realizadas. Se a eleição para o DF ocorresse em novembro de 1988, junto com as dos Estados, Corrêa, se eleito, governaria junto com o presidente José Sarney. Mas, pelo menos na Comissão, prevaleceu a solução negociada pelo PMDB e PFL de reduzir a autonomia política do Distrito Federal.

Progressistas buscam avanço pela voz e o voto

Raquel Flores

Como "só vai passar o que for negociado", no entender do deputado Antônio Brito (PMDB-RS), os progressistas da Comissão da Organização Eleitoral, Partidária e Garantia das Instituições estão articulando-se para que não seja aprovado, por exemplo, o sistema eleitoral misto, nem o distrital, mas o proporcional, que, segundo eles, é mais democrático. Na opinião dos progressistas, o voto distrital dá margem à existência do empreguismo, do voto de cabresto, fulano votando em si mesmo, não por causa do seu programa, mas porque o conhece e lhe deve favores.

Ainda estão em pauta de negociações para se conseguir a maioria absoluta de votos, o direito de voto àqueles que prestam o serviço militar obrigatório, a classificação e controle de diversas públicas pelo Ministério da Cultura e não pela Polícia Federal, e o papel das Forças Armadas que, de acordo com a corrente progressista, não devem cuidar da ordem in-

terna, mas deixá-la a cargo dos poderes civis constituídos.

Outra proposta pela qual os progressistas vão brigar é a do Tribunal Constitucional que, segundo o deputado José Genoino (PT-SP), não agrada aos conservadores. Para Genoino, há duas maneiras de intervir nos trabalhos da Constituinte: pela voz e pelo voto. Ele explica que, como cada constituinte só pode votar na comissão à qual está vinculado, nas demais o jeito é compensar com a influência verbal, o direito de voz, a fim de que as propostas progressistas ganhem terreno.

Mas as investidas dos progressistas não param por aí, pois eles querem também a reestruturação das seções referentes à Segurança Nacional, ao Estado de Defesa e ao Estado de Sítio. Para isso, eles esperam, nas próximas etapas, uma maior pressão e mobilização da sociedade para que a futura Carta não seja pior que a Constituição dos militares, como ela se mostrou até agora, segundo o deputado Vivaldo Barbosa (PDT-RJ). Ele considera importante a definição do PMDB para que as propostas progressistas possam avançar.

A escola não está criando o hábito de ler

Giuliana Morrone
Paulo Cabral
Valéria Borges

"O problema começa na família, onde não há contato com livros. A falta de incentivo em casa transforma o livro num objeto raro", foi o que afirmou Maria do Carmo Coelho, da encarregadoria de português de 1º grau da Fundação Educacional do D.F. "Não sei o que está faltando para estimular a leitura. O nosso professor é preocupado com o incentivo à leitura, mas existem dificuldades como a falta de livro". Maria do Carmo, que não dispõe de nenhum dado concreto sobre o acesso dos estudantes aos livros, diz que na rede pública não existe mais a imposição de testes. O professor recebe a orientação de oferecer livros de diferentes temáticas, com possibilidade de troca, caso o aluno não se interesse pelo livro recomendado.

Mas a orientação da encarregadoria de português é refutada em outra seção do mesmo corredor da Fundação Educacional. No Núcleo de Documentação, Maria Heloisa de Queiroz concorda que existe a falta de livros, mas ressalta que os professores também contribuem na formação da barreira aluno/livro.

Por mais que seja cumprida a orientação da encarregadoria de português da FEDF de oferecer diferentes temas, se não houver livros novos e interessantes nas bibliotecas, indicados pelos professores, o incentivo à leitura nunca será efetivado. E se o hábito da boa leitura depender das bibliotecas da rede pública, aí sim a situação se complica.

Rejane de Souza Vieira, também do Núcleo de Documentação diz que, neste ano, a FEDF perdeu a verba do MEC para aquisição de livros, que até o ano passado era de 725 mil 140 cruzados. Sem os recursos do MEC 439 escolas, além de duas bibliotecas foram prejudicadas.

LETISCIMO

Para Lygia Cademartori, escritora e assessora da presidência da Fundação Educacional (ex-Mobral) a questão relaciona um conjunto de fatores políticos, econômicos, sociais e pedagógicos intrínsecos. Mais cética, a professora Maria Alice Pitaguary, da Faculdade de Educação e coordenadora do projeto de alfabetização dos funcionários da Universidade de Brasília, disse que o problema vem desde a época da colonização do Brasil,

quando não foi dada importância para a educação e cultura, muito menos para a leitura. Segundo Maria Alice, nós não temos uma tradição cultural.

O número de analfabetos passa de 30 milhões de brasileiros, sendo que grande parte dos alfabetizados só sabem escrever o nome. Para Maria Alice, a questão é mais crítica, pois a maioria das pessoas decodificam os signos impressos, e ela restringe o hábito da leitura para uma pequena parcela da população.

"A universidade não tem uma formação humanística. Quem faz Física, por exemplo, só lê sobre Física, e é um analfabeto de certa forma. Assim Maria Alice define o papel da universidade no hábito da leitura. Essa questão é analisada por Lygia, quando diz que a universidade não se preocupa em facilitar a leitura, alimentando um falso pudor em vulgarizar os conteúdos. Isto, para ela, não significa que se tenha que nivelar o ensino por baixo, mas dar condições para que o aluno possa receber mais informações até ser capaz de entender um texto mais complexo.

Lygia se diz decepcionada com a burocratização dos cursos de Letras, que repetem os mesmos autores, nas mesmas perspectivas e não despertam nos alunos a paixão pelo literário. O problema é que esses alunos serão os professores do primeiro e segundo graus, e não saberão despertar o prazer da leitura em seus alunos.

Para Maria Alice, o que está se dando no primeiro grau é sub-literatura, tipo música facilitada, e como os professores não têm informações para trabalhar com os clássicos, como Machado de Assis e José de Alencar, eles se tornam chatos para os alunos. Segundo Lygia, o que existe é um desencontro entre a competência lingüístico-textual do aluno e os livros oferecidos pela escola. Isto acontece porque os professores seguem certos parâmetros de que os alunos têm que conhecer determinadas obras ou porque esses livros indicados são os únicos lidos por eles.

Os fatores "tempo" e "dinheiro" colaboram de certo modo com essa questão, pois muitos dos professores dão aulas de manhã, à tarde e à noite, e ganham o necessário para o seu sustento. Quanto ao tempo, Lygia disse que esse fator não impossibilita a criação do hábito da leitura, ele apenas restringe, já que quem tem a paixão pela leitura, não abandonará. Quanto ao fator "dinheiro", Maria Alice fulmina: "Você já viu o preço de um livro?..."

O perfil psicológico do não-leitor

Cátia Abreu

Os amantes da leitura, quanto mais vêem televisão, mais se interessam em ler. Classificar a televisão como a grande culpada do afastamento dos jovens do livro, é uma idéia questionável, para o psicanalista Humberto Haydt, da Escola Freudiana de Brasília.

Haydt afirma que muitos outros fatores influenciam o comportamento do jovem a ler. Para ele, a juventude moderna está se tornando diferente, "eles se afastam não só da leitura, como de si próprios e de qualquer curiosidade que o mundo possa apresentar". A alienação da juventude começa na forma de comunicação entre eles. Segundo o psicanalista, "encontram troupe hoje em dia falando apenas por sons e sinais, ou na maioria das vezes, as palavras emitidas não constroem sentenças — jóia, bom demais, massa, cara". Esta forma de vida, para Haydt, faz com que os jovens exercitem pouco suas mentes. "Eles não sentem necessidade de pensar com isto, cria-se uma preguiça mental, fazendo com que não cheguem ao interesse da leitura".

Outro ponto ressaltado por Haydt é a evidência de que o jovem de hoje tem dificuldade de falar o que se passa consigo mesmo. Enquanto é detectada esta dificuldade de expressão de sentimento, a imagem e o som vão tomando conta do mundo intelectual dessas pessoas.

O psicanalista ressaltava a alienação dos jovens apenas no recebimento da informação, sem se interessarem e usarem o raciocínio na mensagem transmitida. Outro fator de grande influência no afastamento da leitura é a falta de incentivo dos pais em relação aos livros, a desobrigatoriedade da leitura nas escolas e a utilização de computadores no ensino.

Haydt afirma que o homem está deixando a palavra, a leitura, e se voltando para um mundo altamente tecnológico, onde o importante, até mais que a informação, é o efeito visual. Por outro lado, ele reconhece que os tecnológicos, os inventores deste mundo, são os intelectuais que consomem grande tiragem de livros e os profissionais que precisam ter pleno controle da informação e da expressão de sentimento para realizar seus trabalhos. Para Humberto Haydt, esta é uma situação contraditória, "enquanto a juventude se aliena com a preguiça de formar raciocínios, os tecnológicos são os intelectuais em potencial e isto cria dois mundos, duas humanidades que cada vez mais vão se distanciando, uma da outra, sem que haja um tratamento desses dois mundos".

● Ainda não foi encontrada a fórmula para se criar o hábito da leitura. Uma questão de poucas soluções e muitas causas.

● A maioria das pessoas alfabetizadas não lêem, só decodificam o signo impresso e não conseguem formar conceitos.

Jornais: uma linguagem sem autocrítica

José Carlos Anatoly

No Japão, um único jornal, o *Asahi Shimbun*, tem a tiragem de dez milhões de jornais por dia, enquanto no Brasil os cinquenta principais jornais do país, chegam apenas a três milhões de exemplares, tendo como fonte a SSC e LINTAS, dados referentes a 1984. O



Enquanto cai o número de leitores nos jornais, o mercado livreiro abre mais espaço para um público heterogêneo.

O mercado alternativo dos sebos

Márcia Binder

Uma outra opção no comércio de livros que, aliás, o brasileiro já aprendeu a valorizar, é a livraria que compra, vende e troca livros usados e antigos. O sebo, como é chamado esse gênero de livraria, é comumente encontrado em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, mas em Brasília há apenas dois: o Antiquário, na 108 Sul e O Sebo, que fica na 107 Norte.

O Sebo pertence a João Venâncio Ourofino, um estudante de história de 27 anos, apaixonado pelos livros. Segundo João, está na moda falar bem do mercado editorial brasileiro, porque ele conta com editoras modernizadas como a Brasiliense e a Companhia das Letras; mas, na opinião de João, "as editoras brasileiras são até burras", porque não reeditam obras antigas importantes, o que causa uma limitação do mercado. Portanto, a ignorância e incapacidade de alguns editores que não têm um conhecimento profundo do mercado e que, por isso, não reeditam nada beneficiam os sebos, que passam a ser a única alternativa para quem procura obras esgotadas no mercado do livro novo.

Ninguém duvida que toda a livraria tem o objetivo do lucro, da venda. Mas, de acordo com o dono de O Sebo, o mercado do livro usado corre independentemente de outros mercados. "O que é jogado massivamente no mercado, para consumo rápido, pode também ser esgotado rapidamente"; portanto, todo o sistema de divulgação feito pelas editoras e livrarias em geral, não traz qualquer vantagem para o sebo nem a longo prazo, afirma João Venâncio.

Massificação
João diz, com a experiência de quem trabalha no ramo há seis anos, que a massificação através da divulgação é desfavorável ao sebo, porque o leitor procura um livro "x", que está na lista dos dez mais vendidos de alguma revista ou jornal e se não o encontra, não quer saber de mais nenhum, mesmo que outros pudessem complementar profundamente a leitura que deseja fazer. Este é o leitor alienado, classifica João. Além disso, o sebo trabalha principalmente com a área de ciência e pesquisa, mais do que com a literatura, enquanto que a maior parte das editoras e livrarias concentram sobre a literatura, seu poder de manipulação do leitor.

De acordo com João, um sebo também possui os livros vendáveis e os que encalham, mas de um modo geral, a literatura brasileira tem sido bastante procurada. João cita Guimarães Rosa e José de Alencar como autores eternamente vendáveis. Os livros técnicos adotados por professores e as coleções antigas estão também entre os livros mais vendidos de O Sebo. Quanto aos frequentadores de sebos de Brasília, João explica que há, basicamente, três tipos: o alienado, já citado; o pesquisador, estudioso, curioso ou professor que está realizando um trabalho sobre determinado tema ou autor que, na maioria das vezes, não foi reeditado pelo mercado do livro novo; e o leitor mais caro, que tem um interesse pessoal pela leitura, independentemente das pressões do mercado e que, por isso, procura o sebo como alternativa.

Em relação a já tão famosa preocupação nacional com os baixos índices de leitura do brasileiro, João acha que realmente ainda se lê pouco no Brasil, mas afirma otimista, que os jovens estão lendo e que "há muita gente impressionantemente interessada por leitura, muita gente".

Livreiro pensa em divulgação

Andrea Moraes

"Fazer com que a livraria se transforme num verdadeiro espaço cultural..." Com essas palavras, Ivan da Silva, proprietário da livraria Presença, define seus objetivos como comerciante e divulgador cultural.

Ivan trabalha com livros há 20 anos, começou na livraria Encontro até abrir a sua própria loja, sempre com a preocupação de criar um espaço agradável, diferente das livrarias com prateleiras frias, sobrias e cheias de livros empoeirados e entulhados. Para atingir seus objetivos, Ivan sempre teve em mente que a divulgação literária deve ser feita pensando em promover o livro, independentemente de seu autor, editor, editora, raça, cor ou ideologia. Principalmente porque a maioria das editoras utiliza um esquema de divulgação da imprensa internacional, e muitas delas sobrevivem apenas da edição de "best sellers", livros feitos para serem maciçamente vendidos, sem uma preocupação com a qualidade literária ou cultural do produto.

Desinformação
Para Ivan, a falta do hábito da leitura é gerada pela desinformação do público. Foi pensando nisso que ele criou uma série de atividades que inclui, por exemplo, visitas às escolas juntamente com escritores e poetas para explicar com eles o trabalho. Outra proposta inovadora que vem tendo bons resultados é a divulgação de novos escritores em espaços até então inexplorados: além das tradicionais noites de autógrafos, Ivan inclui também em seus lançamentos, uma visita à Rádio Nacional AM, no programa Viva Maria, onde o escritor é entrevistado, oferecendo aos ouvintes um livro seu para ser sorteado.

Ivan justifica se dizendo que um bom livro é bem aceito em qualquer classe social ou faixa etária. E por isso não existe um espaço pré-determinado para a divulgação literária, e apesar de já ser bastante comuns aquelas seções nos jornais escritos, não há nada de concreto que prove que este é o espaço ideal para a divulgação e o lançamento literário. Ivan quer mesmo é levar o livro para quem ainda não o conhece. O importante é desmistificar a imagem intelectualizada do leitor, pois apesar da crise econômica, não é só a classe média e alta que lê.

O preço do livro dificulta o acesso à literatura, mas não distancia totalmente o hábito de leitura do público leitor: o hábito de ler, quando adquirido, passa a ser parte da vida, da própria cultura de um povo. E é aí que Ivan pretende chegar com suas atividades alternativas de divulgação. Para o dia dos namorados, por exemplo, Ivan irá distribuir pela cidade dois poemas para serem trocados entre os amantes que querem comemorar a data de uma forma muito especial, cheia de ternura, amor e literatura, é lógico...

reformulação geral na forma que a notícia chega ao leitor". Hélio Doyle acrescenta ainda que ao surgirem pressões novas, elas não encontram espaço para se expandir porque tem muita gente fossilizada nos comandos das redações.

A tendência dos grandes jornais brasileiros, para José Salomão, vai na direção do jornalismo interpretativo, em que a matéria seria mais aprofundada e analisada, porém não se esquecendo a função que o jornal, é insubstituível, que é a prestação de serviços. "O leitor procura nos jornais, informações de ordem prática, que possam orientá-lo no seu dia-a-dia, como classificados, entretenimento, roteiros, meteorologia dentre outros".

Bons ventos no mercado livreiro

Susana Dobal

"Sucesso produzido pela convivência dos meios de comunicação" — dirá o olhar mais apocalíptico do que integrado. Ou ainda uma melhoria do nível intelectual do público leitor, explica o olhar mais otimista. Wilson Hargreaves, dono da Casa do Livro, conta que no começo dos anos 70 a Fundação Getúlio Vargas realizou uma pesquisa cujo resultado não previa soluções que pudessem melhorar a qualidade e quantidade do mercado livreiro dado o baixo nível de escolaridade e de renda da população brasileira. Como explicar então o sucesso desse mercado que hoje se vê tão claramente?

"O público continua o mesmo, o que há é um maior acesso à informação a respeito do livro. A grande novidade é que revistas e até a televisão já estão dando um espaço maior", diz Wladimir Murtinho, presidente do Instituto Nacional do Livro.

Wilson Hargreaves fala do nível de escolaridade que, embora conviva com o analfabetismo e a crise universitária, não deixou de se elevar nos últimos vinte anos. Até meados dos anos 70, houve um aumento e a partir daí uma reciclagem de alunos que passaram pela universidade e contribuíram para a melhoria da formação intelectual da população. Além disso, há também o momento político por que passa o País.

Wilson destaca a necessidade do editor ter "feeling" para perceber uma

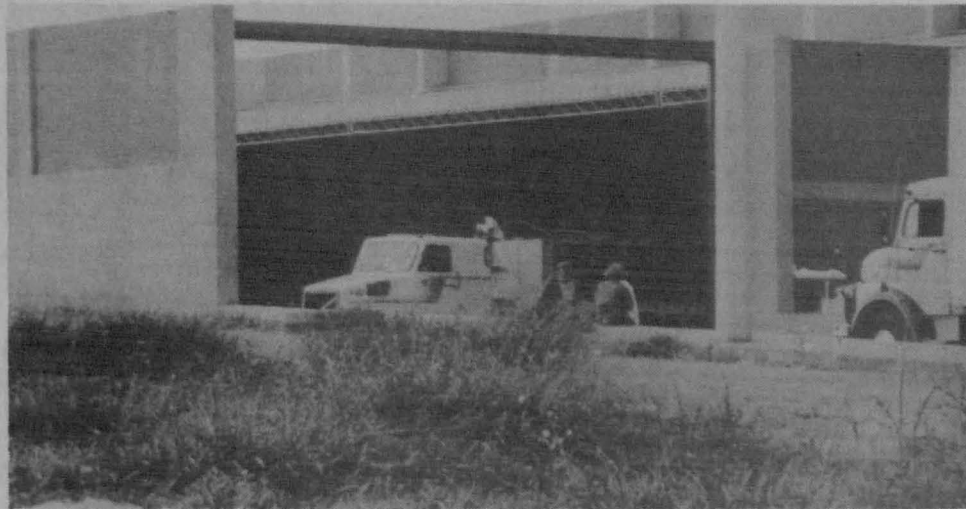
necessidade latente do leitor de naquele momento responder a uma série de indagações. No Brasil ocorreu algo parecido com o que já tinha acontecido na Espanha e em Portugal, quando, após um período de ditadura e dificuldade de informação, houve uma procura da própria identidade e uma carência brutal de todo tipo de informação. Quem melhor sentiu e supriu esta necessidade, obtendo grande sucesso, foi a Editora Brasiliense lançando a coleção Primeiros Passos.

Um último caso exemplifica uma outra circunstância que não pode ser esquecida quando se fala do sucesso de vendas: a informação boca-a-boca. Para Wilson, o livro que marcou a chegada do best-seller de qualidade foi "Memórias de Adriano", de Marguerite Yourcenar. Lançado em novembro de 1980, sem previsão de sucesso e sem uma boa cobertura da imprensa, sua edição foi esgotada antes do Natal. Em janeiro de 81, quando foi reeditado, teve uma carreira fulgurante, contando principalmente com a divulgação feita pelas pessoas que já o tinham lido.

Conversas, marketing, momento, editor, público, distribuição, são muitas as variáveis com pesos oscilantes que determinam o que é um best-seller e respondem ao problema assim colocado por Wladimir Murtinho: "É preciso que o autor seja bom, que se saiba que ele é bom e que alguém esteja interessado em que se saiba que ele é bom".

Com as bênções do administrador regional da Ceilândia, a cerealista "Santa Terezinha" invadiu quase dois mil metros quadrados de área pública e não sofreu qualquer tipo de punição. Uma Comissão de Sindicância do Governo do Distrito Federal que apurou essa e outras irregularidades da administração regional, entregou o relatório ao governador José Aparecido, mas nada aconteceu com ninguém. Há suspeitas de que a cerealista estaria, mais uma vez, operando um verdadeiro "milagre", como costuma anunciar em sua propaganda, interferindo na postura do GDF que, assim como a administração regional de Ceilândia, fecharia os olhos à invasão irregular de terrenos públicos

Marcus Vinícius



Racionamento descartado. Só sobretaxas

Valéria Cristina

As chuvas que têm caído nos últimos dias garantem que, pelo menos por enquanto, está solucionado o problema de abastecimento de água em Brasília, o Sistema interligado — Santa Maria, Torto e Descoberto —, principal abastecedor de água da cidade, que estava com uma defasagem de 720 litros por segundo, já recuperou seu ritmo normal de trabalho, ou seja: 4.700 litros por segundo. Por exemplo, o Santa Maria, que estava oito metros abaixo do seu nível normal, já está funcionando a todo vapor.

Apesar disso, a CAESB vai continuar multando em forma de sobretaxas as residências que abusarem no consumo de água. Outra medida que a CAESB não descarta é a possibilidade do racionamento de água em Brasília nos meses de estiagem, setembro e outubro. Para Marco Aurélio, Assessor de Imprensa do órgão, é preciso manter o sistema interligado em pleno funcionamento, pois nesses meses há uma grande defasagem no sistema de abastecimento da cidade.

Já o Coordenador Substituto da Coordenação do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia (COAMA), Carlos Augusto Fernandes, discorda da CAESB. Para ele, a sobretaxa é uma medida justa mas "como forma de disciplinar o consumo de água e não como forma de racionamento, pois a questão do racionamento ainda é questionável". Para a COAMA, há uma solução integrada para a questão da água em Brasília, sem que seja necessário o racionamento na cidade. Essa solução abrange a reativação de pequenas captações de água em Brasília; a utilização da água do Rio São Bartolomeu antes mesmo de se construir a barragem; a utilização de outras alternativas fora do DF, como o aproveitamento do Rio Areias, o aproveitamento da água do Paranoá (a parte não poluída) e o estudo das águas subterrâneas do Distrito Federal.

Desativadas

Segundo Carlos Fernandes, das 16 captações de água que a CAESB já operou, a grande maioria está hoje desativada devido ao funcionamento de grandes sistemas (Torto, Descoberto e Santa Maria) e a reativação dessas captações poderia resolver definitivamente o problema de abastecimento de água em Brasília. Basta se ter como exemplo que a reativação da captação de Vicente Pires abasteceria o dobro da população do Núcleo Bandeirante hoje e a de Taquara abasteceria todas as mansões do Lago Norte. Além disso, duas cidades-satélites em Brasília são abastecidas por pequenas captações: Planaltina e Sobradinho.

Para a CAESB, essas pequenas captações não dariam despesas operacionais, por se tratar de fontes. A água é completamente limpa, não precisando sofrer nenhum tipo de tratamento. Assim, elas necessitariam simplesmente de uma cloração, que é uma desinfecção mínima, para se concluir que o racionamento não é bem-vindo.

Com relação à utilização das águas subterrâneas de Brasília, Carlos Fernandes disse que apesar de inúmeras tentativas da COAMA para a implantação desse projeto, ainda não foram feitos estudos nesse sentido e a profundidade e a vazão dessas águas só poderiam ser entendidas se estudadas.

Discordância

Carlos Fernandes discorda também da solução da CAESB de divisão da cidade em cinco grandes regiões para se aplicar periodicamente o racionamento de água, pois o problema maior em relação ao fornecimento de água em Brasília estava vindo do Santa Maria e esta Barragem só abastece dois setores: o Lago Norte e a Asa Norte.

Dentre as obras previstas pela CAESB, estão a construção da Barragem do São Bartolomeu e a reativação das Captações do Bananal e Taquara que estão localizadas no Parque Nacional.

Porém, antes mesmo de pensar em tomar qualquer decisão "a CAESB vai ter que participar esse planejamento à sociedade porque uma obra do porte do São Bartolomeu, por exemplo, não pode ser realizada sem um estudo de impacto ambiental seguido de um estudo de impacto de meio ambiente", afirma Carlos Fernandes.

O "milagre" da santa cerealista

Marcus Vinícius



Na feira do Guarã, o consumidor encontra roupas e alimentos

Feira e camelô: saída em tempos de crise

Nilva Rios

Com a inflação galopante e os juros elevados, o consumidor da classe média está deixando de comprar em lojas e as alternativas encontradas estão sendo as feiras do Guarã, da Torre e vendedores ambulantes ou camelôs.

Na feira do Guarã, o comércio ainda vai bem para alguns feirantes. Para Valter, revendedor de confecção masculina, após ter passado por um período de baixa durante os meses de janeiro a abril, as vendas voltaram a aparecer. O que leva o consumidor a procurar a feira é a diferença nos preços: por exemplo, uma calça de algodão, vendida nas lojas por mais de Cz\$ 800,00 custa na sua barraca Cz\$ 550,00. Mas, com uma boa pechincha, pode cair até Cz\$ 500,00.

Na opinião de Valter, a grande vantagem de se vender na feira é a ausência de despesas. Lá, o feirante paga apenas taxas de limpeza, vigia e uso de banheiros. O problema principal enfrentado pela maioria desses comerciantes é a falta de dinheiro para pagar suas compras nos prazos pedidos pelos fabricantes. A saída para alguns é vender seus bens, veículos e casas, a fim de cobrirem as dívidas.

Sem dinheiro

Para o senhor Chico, vendedor de calças jeans, as coisas não estão indo muito bem. Ele diz que o povo não tem dinheiro para comprar e se colocar seus preços abaixo do que estão, só terá prejuízo. Além disso, o que se observa é que o comprador pechincha e não leva, com raras exceções. Em média, o desconto dado é de Cz\$ 20,00 por peça.

Para mudar essa situação, alguns feirantes se reuniram, formando grupos de até 30 comerciantes, para comprar nas grandes lojas e fábricas de São Paulo. Em grupo, eles conseguem obter grandes descontos e por isso, podem-se ver feirantes vendendo camisas da C&A por Cz\$ 100,00, enquanto que nas duas lojas C&A de Brasília o mesmo produto é vendido por duas vezes mais.

Na área de calçados, constata-se que as pessoas procuram levar o produto de material inferior, como por exemplo, duas botas de plástico ou napa, por Cz\$ 220,00 cada, ao invés de levar uma de couro por Cz\$ 720,00, quase o mesmo preço do produto na maioria das lojas do ramo. Nem o

frio repentino serviu para aumentar as vendas no setor.

Tradição

Para alguns consumidores já é tradição comprar na feira, não importando o quanto andam para chegar lá, muitos vindo de longe, como Sobradinho, sem preocupação com os preços da passagem de ônibus ou da gasolina. Com as lojas cobrando muito caro e os juros elevados, o destino do cartão de crédito é ficar mesmo no "fundo da mala", pois se o consumidor não consegue cumprir o prazo, a facada é ainda maior.

Na feira da Torre, o comércio é bem menor, mas ainda "dá para a rotina", na opinião de alguns ambulantes. Para Rose, vendedora de calçados, a Torre é mais tradição do que comércio e a classe alta não compra de forma alguma. "A Torre é exposição para a classe alta, que compra mesmo produto nas lojas por preços três vezes mais".

A variação do movimento da Torre, de sábado para domingo, é notória à distância. O sábado é um dia extremamente fraco onde os lojistas e o consumidor fazem pesquisa de mercado para comprar só no domingo. Para muitos ambulantes, o que salva é a venda por atacado de seus produtos.

Para Samanta, uma canadense que mora em Brasília há um ano, uma visita à Torre é interessante e dá até para se comprar alguma coisa na área de artesanato, mas ela também já aprendeu a pechinchar, pois acha que também na Torre os preços estão altos.

Não é só na Torre ou feira do Guarã que o consumidor pechincha. Os camelôs do Setor Comercial Sul também convivem com esse consumidor, que agora voltou a adquirir preços e a pedir abatimentos.

Para Divina, dona de uma barraca de confecções no local, o povo está cada dia mais sem dinheiro e as vendas cada vez mais fracas, apesar de ter nos últimos dias sofrido uma pequena melhora. Hoje, para um quadro inflacionário ainda sem controle, esse tipo de comércio acaba sendo a solução para muitos consumidores. Pelo menos, terão acesso aos produtos, talvez sem a mesma qualidade encontrada nas mercadorias de vitrines, porém sem luxo e por isso um pouco mais em conta.

Paulo Velho

Diariamente, no horário nobre da televisão, os brasileiros assistem a cerealista "Santa Terezinha" apregoar que suas amplas instalações de seis mil metros quadrados são as melhores do ramo na cidade e onde o consumidor pode encontrar de tudo. E, como slogan, ficam sabendo que a cerealista é a "santa que faz milagre". O que ninguém fica sabendo é que quase 1/3 dessas instalações — cerca de 1.750 metros quadrados — foi construído irregularmente, em áreas públicas. Se a empresa faz algum milagre é esse, o de invadir terrenos que não lhe pertencem e incorporá-los a seu patrimônio.

Essa ilegalidade foi denunciada pelo pequeno jornal de Ceilândia Notíci, em dezembro do ano passado, e consolidada pelo prefeito do Setor "P" Norte, Cleusa Sales, em março, em carta

ao governador José Aparecido, pedindo abertura de inquérito sob a alegação de que a empresa subornara o administrador regional, Ilton Mendes, para "fazer vista grossa à construção da cerealista". De fato, invadir 1.750 metros quadrados de área pública, sem que ninguém o incomode, é proeza que só muita conversa ou milagre conseguem realizar. E como a gente sabe que Jesus Cristo e milagres são incomuns nos dias de hoje...

A construção irregular da cerealista "Santa Terezinha" ocupou área que originalmente destinava-se a estacionamento público. Por conta própria e contando com a omissão da administração regional, o dono da empresa, Sullivan Couvre, ocupou a área e nela ergueu muros de quase três metros de altura, cercando a área e colocando um pesado portão de ferro, movido mecanicamente. Den-

Projeto de ampliação começará pelos vazios do Plano Piloto

Augusto Rodrigues

O Governo do Distrito Federal aprovou recentemente um projeto de expansão do Plano Piloto, do arquiteto Lúcio Costa, intitulado "Brasília Revisitada — Complementação, Preservação, Adensamento e Expansão Urbana". Este plano prevê a construção de áreas residenciais, divididas em seis setores distintos, nos espaços ainda não ocupados no Plano Piloto.

Esses setores se subdividem da seguinte forma: Bairro Oeste Sul, entre o Cruzeiro e o Setor de Indústrias Gráficas, com quadras econômicas (pilotos e mais três pavimentos), superquadras (pilotos mais seis pavimentos) e um centro de bairro com blocos de dois pavimentos sem pilotos; Bairro Oeste Norte, entre o Setor Militar Urbano e a Fundação Zoológica com características idênticas ao Bairro Oeste Sul; Quadras Planalto, com a preservação da Vila Planalto (próxima ao Palácio da Alvorada) e a construção de quadras menores com blocos de quatro pavimentos e pilotos.

O projeto prevê ainda as Quadras da Edia, entre o Jardim Zoológico e o Setor Octogonal,

Déficit do DF é de 150 mil casas

Astrid Carvalho

Em 1962, dois anos após a inauguração da Capital, Brasília começava a sofrer os primeiros sintomas de uma cidade grande: população exuberante versus a falta de habitação. O problema habitacional surgiu com as primeiras invasões. Desde então o GDF iniciou uma luta frente às ocupações irregulares feitas nas áreas urbanas do Plano Piloto, provocada principalmente pelas migrações.

As cidades satélites são um exemplo do excedente populacional e foram criadas pelo Governo justamente para proporcionar moradia aos pessoais das invasões e população de baixa renda. Ainda em 1962 o Governo criou a SHEB, Sociedade de Habitações Econômicas de Brasília, com a finalidade de oferecer habitações aos funcionários do Governo do Distrito Federal. Mais tarde o órgão foi reestruturado e passou a se chamar SHIS, Sociedade de Habitações de Interesse Social com o objetivo de executar a política habitacional na área do Distrito Federal dando preferência às classes de menor renda. Os anos se passaram, porém o problema de habitação continua.

No último recenseamento feito pela SHIS foi constatado um déficit de casa própria de 150 mil unidades. Para amenizar este problema o órgão vai dar início à construção de 19 mil casas, cujas 7 mil primeiras unidades começaram em julho logo após o término da infraestrutura de Samambaia e Ceilândia.

Para quem espera a casa nova, o principal critério que a SHIS adotará para a entrega das casas é o tempo que o pretendente está inscrito. A faixa de renda e o número de dependentes também serão apreciados.

Em 1979, a SHIS concluiu e entregou 15 mil 559 casas, e até dezembro de 1986 o total de habitações construídas foi de 68 mil 650 unidades. O órgão junto com a Secretaria de Viagem e Obras pretende dar início a um grande projeto para a descoberta de novas áreas para futuras instalações.

com blocos de quatro pavimentos; Nova Asa Sul, acima do setor de mansões do Lago Sul, e também com blocos de quatro pavimentos e finalmente a Nova Asa Norte, na chapada acima do setor de mansões do Lago Norte, com quadras econômicas e conjuntos residenciais germinados (habitações populares), quadras com blocos de quatro pavimentos e ainda lotes individuais, bem como a fixação definitiva da atual Vila Paranoá.

Expansão

Em relação ao alastramento suburbano de Brasília, Lúcio Costa expõe em seus estudos que a expansão seria feita primeiramente nas cidades satélites, mas devido à longa distância entre elas e o Plano Piloto, isolou-se demais a população metropolitana que reside na periferia, além de gerar problemas de custo para o transporte coletivo. Daí a ideia de iniciar-se a expansão pelo Plano Piloto.

Outro aspecto enfocado é quanto ao adensamento demográfico produzido pela nossa estrutura econômico-social, que induz à migração de populações carentes para os grandes centros urbanos. No caso de Brasília é essencial pensar-se desde já, no desenvolvimento em áreas pró-

tro da área cercada e que serve de estacionamento privativo da empresa para carga e descarga de mercadorias, Sullivan ainda construiu, em maio, um canal com três compartimentos. Além de invadir área pública a cerealista também ergueu, irregularmente, uma cobertura de metal.

A denúncia de suborno e de outras irregularidades levou o governador José Aparecido a instaurar uma Comissão de Sindicância para apurar os fatos. Essa comissão terminou seus trabalhos no final do mês de maio e entregou um relatório ao governador-substituto, Guy de Almeida. Duas semanas depois da entrega do relatório, o Governo do Distrito Federal ainda não tornara pública a conclusão da Comissão de Sindicância. Pode ser um novo "milagre" da cerealista "Santa Terezinha".

ximas à capital de núcleos industriais capazes de absorver, na medida do possível, essas migrações com efetiva oferta de trabalho. Uma outra preocupação é quanto à demanda de mão-de-obra não-qualificada, que apesar de menor, cria a ilusão de facilidades devido à proximidade com o poder central, que de fato não existem.

O que o Plano de Expansão sugere é exatamente a ocupação dos espaços possíveis para habitação no Plano Piloto, sem caracterizar o projeto inicial de cidade político-administrativa, como também cidade parque, concebida em quatro escalas urbanas: a monumental, a residencial, a gregária e a bucólica.

Segundo a diretora do Departamento de Urbanismo do GDF, Evelise Loughi, a etapa que está sendo desenvolvida inicialmente é aquela em que o Departamento estuda as viabilidades técnicas e avaliações gerais para a efetiva implantação da área A, ou seja, o Bairro Oeste Sul, entre o Cruzeiro e o Setor de Indústrias Gráficas. Em relação ao início das obras, a diretora declarou que ainda não tem uma data prevista, e o que existe realmente para a concretização do projeto são os estudos preliminares para a viabilização do mesmo.

O que resta é a invasão

Delman Assis

As migrações constituem a maior razão da existência das invasões no Distrito Federal. E na Rodoferrviária que começa o grande problema para o GDF, que não tem condições de atender aos milhares de migrantes que passam por aqui em busca do grande sonho, principalmente nas épocas de chuva e estiagem, acentuando, ainda mais, o problema das invasões em Brasília.

O Centro de Desenvolvimento Social, unidade executora da Fundação do Serviço Social, tem como um de seus objetivos reduzir o número de migrantes que ano passado, só no Plano Piloto, chegou a 4.900, totalizando 21 mil migrantes já cadastrados no posto do Serviço Social da rodoviária. A diretora do CDS de Brasília, Maria das Dóres C. Matos, prevê para este ano a cota mínima de Cz\$ 20.000,00 do GDF, destinada ao atendimento dos migrantes que procuram o CDS do Plano Piloto, o que representa quase nada.

O migrante que procura o Serviço Social na Rodoferrviária é encaminhado ao posto da Rodoviária onde é feito um cadastro, passando ele a receber o atendimento do CDS, ou seja, ajuda alimentícia e aluguel, ou é encaminhado aos albergues de Sobradinho e Núcleo Bandeirante. Nesses albergues, com capacidade cada um para 150 pessoas por dia, é dado o prazo de oito dias para o migrante procurar emprego e moradia. Com isso o migrante, sem outra alternativa, se torna mais um vendedor de lixo, morador do Plano Piloto nas invasões.

Mas se fosse atendida, pelos menos, a média de dez migrantes por dia que procura o CDS de Brasília para voltar à origem, o problema das invasões seria amenizado. Em 83, por exemplo, o GDF conseguiu que 10 mil migrantes retornassem às suas origens, mas, hoje, o CDS não tem condições de atender a nenhum deles.

Comissão

Em razão da recente viagem do Governador José Aparecido, a Comissão Executiva de Controle ao Surgimento de Invasões continua acéfala. A comissão terá oito representantes: o presidente, que será indicado pelo Gabinete do GDF, um representante da SHIS, um da Secretaria do GDF, outro da Viagem e Obras, da Segurança Pública, de Serviços Públicos, da

Secretaria de Serviços Sociais e um da Secretaria de Agricultura e Produção.

A representante da Secretaria de Serviços Sociais, Madalena Oliveira V. de Queiroz, disse que a Comissão foi criada para combater o surgimento das invasões, e não para erradicá-las como noticiou, recentemente, a TV Globo, afirmando que o primeiro passo da comissão seria erradicar a invasão da 110 Norte.

"Invasões"

Na invasão situada ao lado do Hotel Aracora, no Setor Hoteleiro Norte, moram cerca de 15 famílias, em áreas de propriedade da CAESB, do Hotel Fenícia e de outras propriedades particulares. Uma equipe de líderes comunitários controla a entrada de novos moradores. Jaime Pereira disse que faz esse controle porque não quer saber de maloqueiros lhe causando problema, pois ali todos são trabalhadores honestos que vivem geralmente da venda de churrasquinhos.

O controle se faz da seguinte maneira: o pretenso morador procura por Jaime, e lhe pede um pedacinho de terra. Ele então limpa o terreno, cobra uma gratificação e ajuda a construir o barraco. Mas, sua irmã, Joselita Pereira Nere, afirma que é ele quem constrói os barracos para alugar a outros, até que estes consigam comprá-los. Jaime nega que tenha alugado barracos ou mesmo vendido e de maneira alguma pensa na hipótese de ter que sair dali.

Já na invasão do CEUB, hoje com sete vilas, 800 famílias, uma creche e comércio próprio, existem duas associações. A mais antiga, presidida por Raimundo Careca, é a Associação dos Moradores da Vila Nova que fez um projeto de urbanização da invasão o qual poderia ser empregado em qualquer área que o GDF viesse a ceder. Sabe-se que a Secretaria de Habitação indicou um areal existente nas imediações de Taguatinga para construção das casas. Porém, a Associação não se interessou em ir para o local pois, além de longe, não oferece condições para plantio.

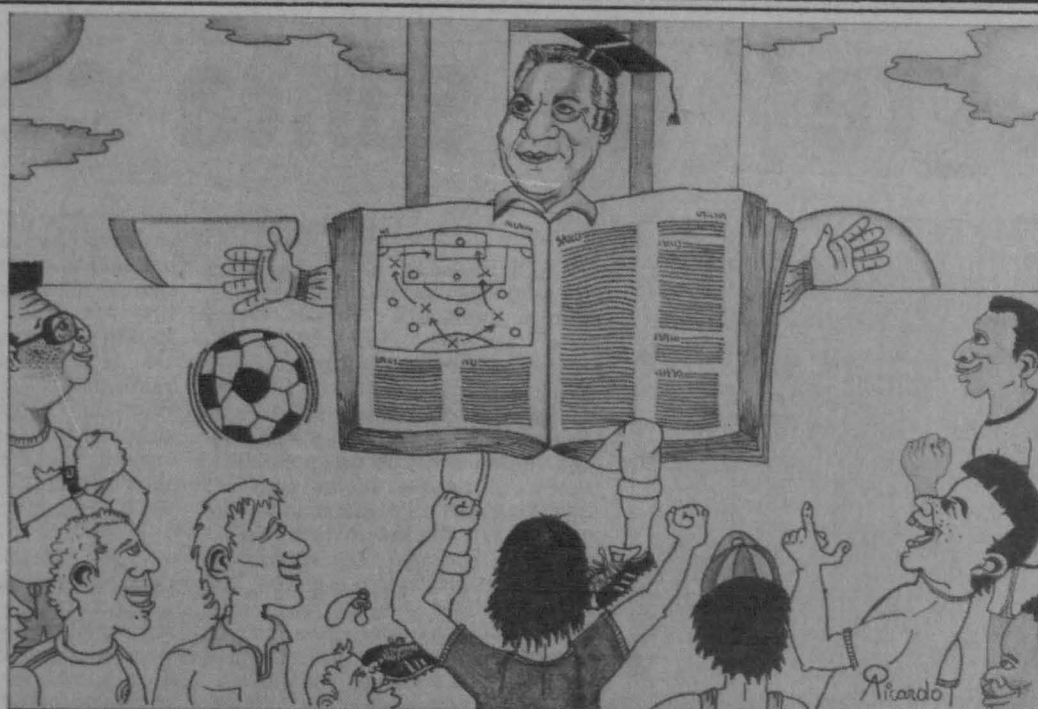
Também na invasão do CEUB, sempre que alguém precisa, tem-se um comodinho para alugar por 200 a Cz\$ 500,00. Inscritos na SHIS estão vários com até mais de dez anos mas com quase nenhuma esperança de receber casa. E o que nunca se sabe é onde o dinheiro da SHIS está sendo empregado.



Na UnB existem atletas de nível internacional. Cinco alunos de nossa comunidade foram selecionados para a equipe de futebol de campo que irá representar o Brasil nos Jogos Universitários Mundiais, em julho, na cidade de Zagreb-Iugoslávia. Estes jogadores são titulares da equipe da UnB, que sob o comando do técnico e professor Osvaldo, da Educação Física, se destacaram no brasileiro universitário deste ano. A Seleção universitária está em fase de treinos em São Paulo e segue para Zagreb dia 18 próximo com a expectativa de bons resultados. O técnico da seleção, Nicolau Pereira, acredita no bom rendimento da equipe que tem excelente nível técnico. Ao lado, Manati e Almyr, craques da UnB, esperanças na Universidade.

Em Brasília, a "Enciclopédia do futebol"

Descontraído e com muita simpatia, Nilton Santos falou ao *Campus* de sua grande paixão: o futebol. Lembrou com saudade um tempo de campeonatos e títulos e revelou uma preocupação: integrar esporte e educação.



Marcus Vinicius
Giselle Chassot

Brasília, 27 anos. Uma cidade cujas primeiras gerações só agora vêm conquistando seu espaço. Uma capital que ganhou muita importância nos últimos meses assumindo a posição de centro das decisões políticas, econômicas e sociais do País. No meio de todas estas discussões, essa mesma Brasília acolhe mais um hóspede. Um homem, que muito antes dos traços de Oscar Niemeyer ganharem forma, já tinha seu nome consagrado no cenário nacional. Sempre foi considerado um especialista em sua área: o futebol. Uma pessoa simples que, para muitos de uma safra incomparável de jogadores, chegou ao máximo de sua carreira fazendo com amor e dedicação aquilo que mais gostava: jogar bola.

Assim é Nilton Santos. Para alguns apenas uma vaga lembrança de um lateral esquerdo que jogou na Seleção Brasileira — há muito tempo. Para outros sempre lembrado como a "enciclopédia do futebol", um dos principais craques do futebol das décadas de 50/60 e que ao lado de nomes como Garrincha, Pelé, Didi, Zagalo, Gilmar e tantos outros, levou o Brasil ao bicampeonato mundial em 1958, na Suécia e em 1962, no Chile. Mas para aqueles que só estão acostumados com nomes como Zico, Roberto Dinamite e Careca, quem é Nilton Santos? De onde veio e quais são seus planos aqui em Brasília? O *Campus* encontrou o "FERA" que acaba de se sagrar campeão, como técnico pelo Taguatinga.

Início

Nilton Santos começou a jogar futebol profissionalmente em 1948 no Botafogo, onde chegou através da amizade de um major da Aeronáutica com um diretor do clube. Lá fez um teste com outros cinco jogadores e foi o único que agradou ao presidente Carilo Rocha e ao técnico Zé Moreira. Agradou tanto que esse foi o seu clube ao longo dos 17 anos de carreira. Foi assim, através da convivência que ele aprendeu a ser botafoguense. "Muitos pensavam que eu era flamenguista devido ao incentivo do Zizinho, do Flamengo, um dos grandes jogadores da época", diz ele. Assim, Nilton ganhou todos os títulos possíveis e

chegou à Seleção Brasileira, pela primeira vez, em 1949, para a disputa do campeonato sul-americano, no campo do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, uma vez que o Maracanã ainda não havia sido inaugurado.

Veio então a Copa de 50 e o Brasil foi derrotado pelos uruguaios na final, por 2x1, num jogo em que podia até empatar. Nilton foi convocado mas não chegou a disputar partida alguma. Mesmo assim o sofrimento não foi menor. "Se tivesse que perder, que perdesse para um time civilizado e não para o Uruguai, que não retribui gentilezas. Eles se julgam heróis, mais patriotas que os outros. Mesmo assim foi bom perder aquela, pois modificou um pouco o pensamento do futebol brasileiro e se ganhássemos em 50, talvez não tivéssemos ganho as outras três", analisa.

As mudanças só foram realmente sentidas em 1958 com a comissão técnica que foi campeã e que foi mantida para a Copa seguinte conquistando o bicampeonato. "O Brasil foi campeão três vezes por ter comissões técnicas formadas e não tudo centralizado nas mãos de uma única pessoa", diz Nilton, principalmente por ter trabalhado praticamente com o mesmo grupo por duas Copas consecutivas. "Era como uma família e não isso que é hoje".

Seleção Brasileira

Nilton acha que a atual seleção deve ser organizada por uma comissão técnica e "não deixar a batuta nas mãos de um só", mas hoje, mesmo que essa comissão fosse formada a batuta certamente ficaria nas mãos dos homens que comandam a CBF, Otávio Pinto Guimarães ou Nabi Abi Chedid. "Na minha época havia mais respeito na relação com a comissão técnica e os jogadores sentiam orgulho e prazer em jogar na seleção", diz Nilton, que ainda tem como melhor solução para "organizar a bagunça", chamar João Havelange, presidente da FIFA, de volta para o futebol brasileiro para colocar as pessoas certas nos lugares certos.

Ele acha que os dirigentes estão disputando espaço com os jogadores para se promover através da imprensa. "Antigamente, o presidente do clube só saía para resolver algum problema essencial". Nilton não gosta de mencionar nomes ou casos da política do

futebol atual e prefere falar de sua época, pois "pra não falar besteira eu prefiro ficar calado". Mesmo assim ainda arrisca alguns conselhos. Para o atual técnico da seleção, Carlos Alberto Silva, ele lembra que o futebol jogado pela equipe brasileira nos últimos jogos não é suficiente para voltar a ser campeão do mundo. Para Romário, jogador do Vasco, um recado simples: na atual procura de um ídolo, um jogador fora de série, quanto mais alto se está, mais fácil de se ser derrubado. Para Josimar do Botafogo, o personagem mais polêmico nos acontecimentos fora dos gramados na última excursão (Josimar chegou a concentração às três horas da manhã ao invés das onze da noite, horário-limite para toda a delegação), um aviso: em outras épocas, por muito menos que isso, um jogador poderia ser desligado do grupo. "Ele deveria ser mais humilde e lembrar que na sua posição já jogaram grandes nomes como Djalma Santos e Carlos Alberto Torres".

São fatos como esses, envolvendo Josimar, que levaram a Seleção Brasileira ao descrédito. Uma descrença que conseguiu ser vencida quase que totalmente em 1982, com a equipe de Telê Santana. Naquela época, a torcida voltou a ter a escalada do time na ponta da língua: Waldir Perez, Leandro, Oscar, Luizinho e Júnior, Cerezo, Falcão, Sócrates e Zico, Serginho e Eder. O futebol tricampeão do mundo voltava a empolgar brasileiros e estrangeiros. Quis o destino e os gols do centroavante italiano Paolo Rossi, que ela voltasse derrotada. Esse mesmo grupo, com poucas mudanças, teve uma nova chance no México em 1986. Pela primeira vez, um técnico derrotado voltava a dirigir a Seleção pela segunda vez consecutiva. E novamente voltou derrotada.

"Por que não levaram o Zagalo? Por que insistir com Telê?" questiona Nilton. Para ele, a volta do ex-técnico do time brasileiro seria fundamental principalmente pelo fato da Copa ser realizada no mesmo local da última conquista. "O Zagalo conhecia tudo ali no México. Uma comissão técnica formada com outros jogadores da época, como Gérson ou Carlos Alberto, também seria um trunfo muito importante, mas preferiam levar alguns dirigentes inúteis que não fizeram nada", finaliza.

Brasília

Algumas pessoas não sabem ou então nem se interessam em saber, mas esse mesmo Nilton Santos é o atual técnico da equipe do Taguatinga Esporte Clube, que conquistou recentemente o segundo turno do campeonato metropolitano. "O futebol de Brasília tem futuro e há bons jogadores aqui", diz ele. Infelizmente a torcida não tem comparecido aos jogos. Isto tem desmotivado técnicos e jogadores. "A cidade é de todo mundo e a paixão por times de outros estados divide os torcedores", completa.

Nesse ponto, há a concorrência com os jogos transmitidos pela televisão, o que também influi diretamente. Para muitos, é mais fácil ficar em casa e assistir a um jogo pela TV do que se arriscar a ir até um estádio, seja no Plano ou nas cidades-satélites, para ver o que muitos caracterizam como "pelada". Nilton acha também que a imprensa não prestigia e que a cobertura esportiva na cidade está longe de ser a ideal. Mesmo assim, o trabalho que o técnico vem desenvolvendo no Taguatinga já está surtindo efeitos. "Em poucos jogos nós quebramos dois tabus: ganhar do Sobradinho e conquistar o segundo turno", diz Nilton, que faz com que os jogadores do T.E.C. utilizem a bola no maior número de treinamentos possíveis: "Se o jogador não aprender a conviver com a bola, vai acabar se atrapalhando com ela".

Mas o forte da "Enciclopédia", segundo ele mesmo, é trabalhar com crianças. Por isso, assim que encerrar seu contrato, no dia 1º de agosto, Nilton Santos vai desenvolver um projeto junto ao Defer (Departamento de Educação Física, Esportes e Recreação) com crianças carentes de 7 a 14 anos. O objetivo desse projeto é implantar núcleos esportivos em todas as cidades-satélites com assistência médica, dentária e alimentação. Este seria um modo de recuperar os menores através do esporte. "É preciso mostrar o lado bom às crianças. Quem só conhece o lado ruim não tem escolha", justifica. Este é o real motivo da vinda de Nilton Santos a Brasília. De resto, agora é torcer para que uma ideia simples nas mãos de uma pessoa de sua capacidade alcance o resultado esperado.

Nossos craques na Universiade

Jaul Ramalho

Cinco jogadores da equipe de futebol de campo da UnB, estão convocados para a seleção universitária que irá representar o Brasil na 14ª Universiade de 8 a 19 de julho em Zagreb-Iugoslávia. A seleção, que conta com 18 jogadores, está em fase de treinamentos no Centro Olímpico de São Paulo sob o comando do técnico paulista, Nicolau Pereira.

Os cinco atletas convocados são: Juarez Sampaio da Química, joga na defesa e possui excelente senso de colocação; André Rossi, da Economia, faz o quarto homem do meio campo e é muito habilidoso; Raimundo Nonato (Raimundinho), da Educação Física, pontadireita ou esquerda de grande habilidade sendo considerado fator surpresa por parecer um menino; Márcio Renato Camargo (Manati), da Economia, cabeça de área cujo fator preponderante é sua raça em campo e Almyr de Albuquerque Barros Junior, da Educação Física, meio-campo dinâmico, tecnicamente perfeito e possuidor de excelente preparo físico. Manati teve passagem pelo futebol norte-americano, tendo sido campeão universitário em 82 pela universidade de Nova York e Almyr de Albuquerque já jogou profissionalmente no Olimpia do Paraguai em 83/84 e em 85 na equipe local do Guarã, em que se sagrou campeão do torneio centro-oeste, optando atualmente pelo amadorismo.

Estes jogadores se destacaram no campeonato universitário brasileiro de futebol de campo, realizado mês passado no Rio de Janeiro, onde a equipe de Brasília sagrou-se vice-campeã, sendo considerada a mais técnica do torneio. A equipe de São Paulo foi a campeã. Esse campeonato serviu de critério para a seleção dos jogadores.



Manati e a bola em harmonia

dores da equipe universitária brasileira, tendo em vista que não houve disputa de futebol de campo nos últimos Jogos Universitários Brasileiros, JUBs.

Universiade

A Universiade é uma competição promovida de dois em dois anos pela Federação Internacional de Desportos Universitários-FISU. É considerada o maior evento esportivo depois das Olimpíadas. Participarão da Universiade cerca de 100 países com um contingente de sete mil atletas nas modalidades: atletismo, basquete, esgrima, futebol, ginástica olímpica, saltos ornamentais, natação, water-pólo, tênis, volei, canoagem e remo.

O Brasil estará representado por uma delegação organizada e selecionada pela Confederação Brasileira de Desportos Universitários — CBDU, entidade filiada à FISU, que dirige e coordena o esporte acadêmico nacional. O critério para seleção dos atletas são os jogos Universitários Brasileiros — JUBs, realizados anualmente reunindo três mil atletas de todo país. Em 86, os JUBs foram realizados em Macéio, Alagoas, e neste ano serão em Belém do Pará.

A participação brasileira nas Universiades passadas foi boa, cabendo lembrar alguns atletas que mais se destacaram, como: Ademair Ferreira da Silva e Nelson Prudêncio no atletismo; Rômulo Arantes, Djan Madruga e Ricardo Prado na natação e outros. O Brasil já sediou a Universiade, em 63, em Porto Alegre, com méritos para as equipes de basquete masculino e volei feminino, que se sagraram campeãs.

As expectativas para a Universiade 87 são de um alto índice técnico nas competições, posto que os boicotes promovidos por Estados Unidos e União Soviética nas duas últimas olimpíadas geram um acirramento maior entre os atletas das duas superpotências que há muito não se confrontam. O lucro certamente será do esporte.

A equipe brasileira de futebol de campo parte para Zagreb dia 18 próximo, com a expectativa de uma boa apresentação na Universiade. Até hoje o único resultado expressivo do futebol universitário brasileiro foi a conquista do campeonato mundial universitário de futebol de salão, realizado em 84 em São Paulo. Contamos com o esforço de nossos atletas em especial os da UnB, para que através de bons resultados o futebol universitário brasileiro assuma lugar de destaque no cenário internacional. Para eles nossos votos de bons jogos, boa sorte e boas vitórias.

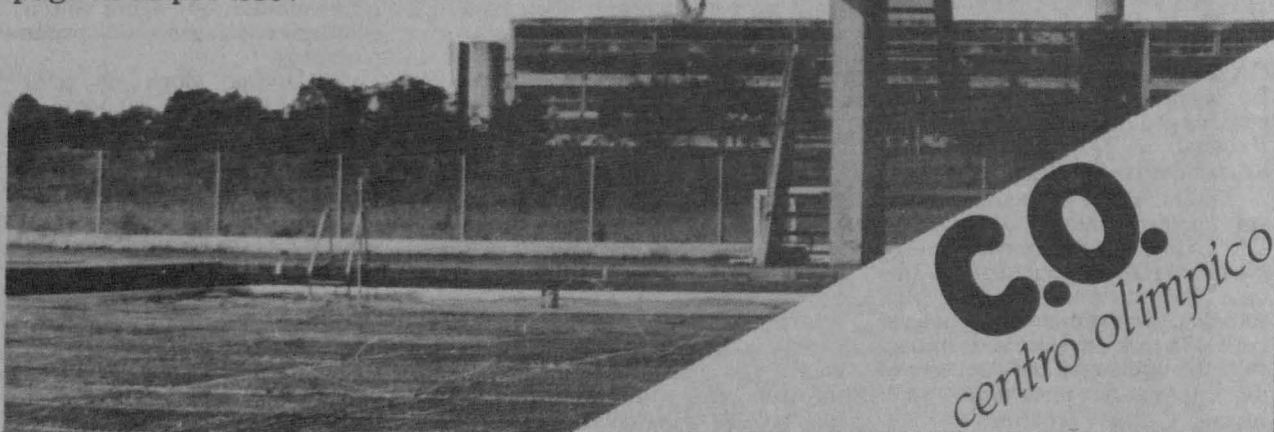
Pensamentos de Nilton Santos

"Futebol ensina muito".
"Parei de jogar quando já sabia demais sobre os dirigentes".
"O brasileiro não está preparado para democracia nem no futebol".
"Deus ajuda, mas não é assim não" (sobre a atuação da seleção brasileira).
"Eu prefiro falar da minha época".
"Muita gente está dirigindo futebol sem nunca ter chutado uma bola".
"Prometeu, não cumpriu, o Mané ia para casa e não voltava mais" (sobre Garrincha).
"Zico nunca jogou na seleção porque jogou no Flamengo".
"Faço questão de não conhecer nada de Constituinte, para não me decepcionar".
"É bobagem querer intelectualizar o futebol".
Um grande goleiro: "Gilmar, Castilho e Manga".
Um grande zagueiro: "Belini, Mauro e Carlos Alberto".
Um grande atacante: "Garrincha e Pelé".
Um grande dirigente: "Castor de Andrade, Altemar Dutra de Castilho (Botafogo) e João Havelange".

FIQUE POR DENTRO

Musculação	●	Natação
Karatê	●	Capoeira
Vôlei	●	Judô
Ginástica	●	Futebol
Basquete	●	Pólo Aquático

O Centro Olímpico não é só sol. Tem muita gente suando na sombra. Lá, no subsolo, de segunda a sábado, os professores da Educação Física estão dando a maior força pessoal que não quer ficar parado. Informe-se e participe deste clube. Fique sócio do C.O. Você não paga nada por isso.



C.O.
centro olímpico